



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA
ESCOLA DE CAMPINA GRANDE - PB**

ALEKSANDRA PEREIRA

CAMPINA GRANDE - PB
2011

ALEKSANDRA PEREIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA DE
CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Educação Física, da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciada em Educação Física,
elaborado sob a orientação da professora Dr.
Lívia Tenório Brasileiro.

Orientadora: Prof. Dr. Lívia Tenório Brasileiro

CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO/2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P436e Pereira, Aleksandra.
Educação física para jovens e adultos (EJA) em uma escola de Campina Grande – PB [manuscrito] / Aleksandra Pereira. – 2011.
99 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.
“Orientação: Profa. Dra. Lívia Tenório Brasileiro, Departamento de Educação Física”.

1. Educação física. 2. Atividade física. 3. Educação Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 613.71

ALEKSANDRA PEREIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA DE
CAMPINA GRANDE**

BANCA EXAMINADORA



Professora Dr.^a Livia Tenório Brasileiro (UEPB)
(Orientadora)



Professora Dr. Maria Goretti da Cunha Lisboa (UEPB)
(1^a Examinadora)



Professor Esp. Eduardo Guerra Afonso Ferreira Paiva (UEPB)
(2^o Examinador)

Aprovada em 18 de Novembro de 2011

Dedico este trabalho a todos que por mim oraram e acreditaram dando-me incentivo e força para vencer.

Dedico principalmente aos meus pais, irmãos, parentes, clientes, amigos, professores, amigos/irmãos em Cristo da Capela CRISTO REI, minha comunidade do coração.

A mim mesma, que me esforcei para chegar a incluir um trabalho tão gratificante e prazeroso como esse. A minha orientadora pela sua atenção e simplicidade em solucionar problemas voltados à orientação.

Vitória consegui, porque JESUS e MARIA estiveram comigo me amando e me protegendo. Amém

AGRADECIMENTOS

Ao meu DEUS e a minha MÃE celestial, o meu louvor para sempre.

No início Deus criou o céu e a terra. O seu Espírito pairava sobre as águas. Dentre seis dias Deus criou a mais perfeita das criaturas, o homem. Dele criou a mulher. (Gênesis 1. 27-28). Milhões de anos depois, Ele criou José Pereira e Benedita Maria Pereira, meus amados pais. Uni-vos, cresci-vos e multiplicai-vos. E assim foi feito. Dessa união foram gerados: Adriana Pereira, Alexandre Pereira, Joelma Pereira, Alberto Pereira, **Aleksandra Pereira**, Alessandra Pereira e Advânia Pereira. Sete filhos, seis irmãos que estão comigo até hoje. Quero agradecer aos meus pais pelo carinho e educação recebida e aos meus irmãos por todo apoio. Agradeço ainda a todos os meus clientes e amigos que acreditam em mim como pessoa humana que ama o que faz. Aos meus professores que contribuíram para a minha formação acadêmica. Em especial a Prof.^a Dr. Lívia Tenório Brasileiro, pelo seu empenho e competência ao me orientar. Acho necessário dizer que mesmo que eu desanime no futuro, nunca irei esquecer que, neste momento, ser professora de Educação Física e ensinar na escola é o meu maior desejo. “Viver apaixonado pelo que faz, torna a vida mais saudável” (BARBOZA, 2010, p. 67)

Os sonhos e os professores

Professores, vocês não precisarão de sonhos para ter eloquência, metodologia, conhecimento lógico. Nem precisarão de sonhos para gritar com os alunos, implorar silêncio em sala de aula, dizer que não terão futuro se não estudarem. Mas precisarão de sonhos para transformar a sala de aula num ambiente prazeroso e atraente que educa a emoção dos seus alunos, que os retira da condição de espectadores passivos para se tornarem atores do teatro da educação. Precisarão de sonhos para esculpir em seus alunos a arte de pensar antes de reagir, a cidadania, a solidariedade, para que aprendam a extrair segurança na terra do medo, esperança na desolação, dignidade nas perdas.

Precisarão de sonhos para serem poetas da vida e acreditarem na educação, apesar de as sociedades modernas a colocarem em último lugar na sua atenção e em primeiro lugar no seu discurso. Precisarão de sonhos espetaculares para terem a convicção de que vocês são artesãos da personalidade e saberem que sem vocês nossa espécie não tem esperança, nossas primaveras não têm andorinhas, nosso ar não tem oxigênio, nossa inteligência não tem saúde.

(CURY, 2004, p. 114)

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um programa do Governo Federal e tem como objetivo alfabetizar jovens e adultos no Brasil. Em seu currículo escolar os componentes são: português e matemática, que envolvem conhecimentos gerais do dia a dia situando o aluno no espaço que ocupa na sociedade. Por esse motivo, o presente trabalho intitulado “Educação Física para Jovens e Adultos (EJA) em uma escola de Campina Grande - PB” teve como objetivo: analisar as possibilidades de inserção do componente curricular Educação Física no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande – PB. Trata-se de uma pesquisa do tipo pesquisa-ação com abordagem quanti-qualitativa. A nossa preocupação foi de entender o porquê dos alunos do ensino noturno, especificamente da EJA, não participarem de aulas de Educação Física escolar. Nossa pesquisa aconteceu na Escola Municipal Félix Araújo, contando com uma turma de EJA e dois professores de Educação Física, onde implementamos uma unidade de ensino de Educação Física. Como instrumentos da pesquisa foram utilizados: plano de curso, planos de aula, diário de campo, registro fotográfico, entrevista e questionário. Concluímos que para 100% dos alunos as aulas de Educação Física foram muito importantes porque segundo eles (40%) faz bem para a saúde, sendo destacado que o trabalho (39,1%) não influenciou na ausência dos alunos nas aulas e que há uma grande necessidade (56,5%) de que as aulas de Educação Física continuem fazendo parte do seu ensino. Uma vez que, das 87 Escolas Municipais, esta é a única que apresenta uma aula de Educação Física à noite uma vez por semana. Para os dois profissionais entrevistados, propor a Educação Física para alunos da EJA só tem a contribuir com o seu desenvolvimento como um todo. Foi observada, com a pesquisa, a inserção da Educação Física nas Escolas Municipais no ensino noturno, já que não compreendemos o porquê dos alunos deste turno ser liberados do componente curricular como se ela apenas servisse para correr e pular. Compreendemos a Educação Física como um componente curricular reconhecido por lei e que se apresenta na escola como formadora de conhecimento e práticas corporais necessárias à vida do aluno em qualquer faixa etária ou turno que se encontre.

Palavras-Chave: Educação, EJA, Educação Física, Ensino Noturno.

ABSTRACT

The adult education is a Federal Government and aims to literate youth and adults in Brazil. In his curriculum components are: Portuguese and mathematics, general knowledge involving the day the student in the space it occupies in society. Therefore, this paper entitled “Physical Education for Youths and Adults (EJA) at a school in Campina Grande - PB” aimed to: examine the possibilities of curriculum integration component in Physical Education Program for Youth and Adults (EJA) in Campina Grande – PB. This is a research action with quantitative and qualitative approach. Our concern was to understand why the night school students, specifically adult education, not to participate in school physical education classes. Our research took place at the Municipal School Felix Araújo, with and adult education class and two teachers of Physical Education, where we implemented a teaching unit of Physical Education. As the research instruments were used: course plan, lesson plans, field diary, photographic record, interview and questionnaire. We conclude from this that for 100% of the Physical Education lessons were very important because according to them (40%) is good for health, and highlight the work (39,1%) did not influenced the lack of students in classes and that here is a need (56,5%) of the physical education classes as part of their continuing education. Since, from 87 municipal schools, this is the only one that has a Physical Education class in the evening once a week. For two respondents, offer physical education for student of adult education has only to contribute to its development as a whole. Was observed whit the research, whether in the Physical Education School District have room in night courses, since we do not understand why the students be released this turn of discipline as if it served only to run and jump. We understand the physical education as a discipline recognized by law and that school presents itself as a trainer and practical body of knowledge necessary for a student’s life at any age or turn you are.

Keywords: Education, Adult education, Physical Education, School Night.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO	01 Turma de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola Municipal de Campina Grande – PB...	17
FOTO	02 Alegria da turma de Jovens e Adultos.....	27
FOTO	03 jovem e Adulto inseridos em uma mesma turma.....	
FOTO	04 Jogo do Limão.....	37
FOTO	05 Jogo das Garrafas.....	37
FOTO	06 Jogo do Pega Pega Gavião.....	37
FOTO	07 Jogo Futebol Sentado.....	37
FOTO	08 Jogo de Arco.....	43
FOTO	09 Jogo de Arremesso no Arco.....	43
FOTO	10 Jogo Dança do Equilíbrio.....	43
FOTO	11 Jogo de Boliche.....	47
FOTO	12 Jogo do Limão.....	47
FOTO	13 Jogo Passa a Laranja.....	47
FOTO	14 Jogo do Basquete Adaptado.....	47
FOTO	15 Explicação sobre o desenvolvimento da aula.....	76
FOTO	16 Jogo da Bola Perigosa.....	78
FOTO	17 Diálogo final após cada aula para construção do Diário de Campo.....	90

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Resposta dos profissionais em relação à Educação Física ministrada para a EJA....	70
-----------	---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO	01 Idade dos alunos pesquisados.....	50
GRÁFICO	02 Grau de escolaridade dos alunos.....	51
GRÁFICO	03 Motivos que levaram os alunos a EJA.....	51
GRÁFICO	04 Representação profissional dos alunos.....	52
GRÁFICO	05 Estatística da turma de EJA em relação a emprego.....	53
GRÁFICO	06 Respostas dos alunos em relação à participação em aulas de Educação Física.....	53
GRÁFICO	07 Motivos para participação ou não dos alunos nas aulas de Educação Física.....	54
GRÁFICO	08 Visão representativa dos alunos a respeito das aulas de Educação Física.....	54
GRÁFICO	09 Aceitação da Educação Física pelos alunos da EJA.....	67
GRÁFICO	10 Conhecimento dos alunos em relação as aulas de Educação Física.....	68
GRÁFICO	11 Aceitação dos jogos pelos alunos da EJA.....	68
GRÁFICO	12 A Educação Física construindo o conhecimento na EJA.....	69
GRÁFICO	13 A Educação Física na formação do cidadão.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO	17
1.1 A escola e sua função social: das crianças aos adultos.....	18
1.2 A escola e o trabalho na sociedade brasileira.....	22
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	27
2.1 Histórico da educação de jovens e adultos no Brasil.....	28
2.2 Formação de professores.....	30
2.3 Escolas que adotaram a EJA.....	32
2.4 A importância da educação física escolar e suas contribuições.....	33
CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	37
3.1 Apontamentos da literatura.....	38
3.2 Contribuição dos trabalhos encontrados nas revistas e sites mencionados.....	41
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DO ESTUDO	43
4.1 Objetivos.....	44
4.2 Tipologia da pesquisa.....	44
4.3 População.....	44
4.4 Campo - Amostra.....	45
4.5 Instrumento.....	45
4.6 Coleta de dados.....	45
4.7 Análise dos dados.....	46
4.8 Aspectos éticos.....	46
CAPÍTULO V – UMA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA	47
5.1 A vivência da educação física construindo o conhecimento na EJA.....	48

5.2 Educação Física: uma proposta para a EJA na escola.....	48
5.3 Educação Física: componente de inclusão no ensino noturno.....	49
5.4 O jogo e as suas contribuições nas aulas de Educação Física.....	55
5.5 Sistematização para análise dos Dados.....	57
5.6 Entrevistas – Quadro Comparativo de respostas dos professores de Educação Física.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	74
ANEXOS.....	76
Anexo 1- Plano de Curso.....	77
Anexo 2- Planos de Aula.....	80
Anexo 3- Diário de Campo.....	90

INTRODUÇÃO

O ensino noturno é marcado por um histórico de pessoas de idade avançada – atrasadas em relação ao ensino regular – de trabalhadores, desistentes e gente desinteressada, também de pessoas que têm visão futura. É formado por um público bastante diversificado, portanto, merece um olhar mais atento das autoridades educacionais.

Rodeados de sonhos, alguns se preocupam em conseguir um emprego melhor, outros porque gostam dos amigos da escola, há ainda os que querem concluir apenas pelo certificado porque os pais exigem que consigam etc. Como podemos perceber, existe uma variedade de objetivos por parte dos alunos do ensino noturno, o que nos faz interrogar: como educar, como dar um norte à vida desses alunos? O que temos feito para mudar essa realidade? É culpa da escola, dos profissionais ou da falta de interesse do aluno?

Responder a esses questionamentos nos levaria a apontar culpados, porém, não devemos nos ater a isso, mas refletir e tomar medidas para mudar essa realidade. Aqui, neste trabalho, nos voltamos para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o intuito de, através da Educação Física, poder dar uma contribuição maior a esse grupo na sua formação.

O estudo teve como objetivo: analisar as possibilidades de inserção do componente curricular Educação Física no Programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande - PB. Como população foram escolhidas Escolas Municipais; mas apenas uma foi contemplada com uma unidade de ensino para fazer com que os alunos experimentassem na íntegra a Educação Física no seu desenvolvimento. Após esta vivência, os alunos responderam a um questionário com perguntas relacionadas ao componente curricular e sua importância no ensino noturno (EJA). Os professores de Educação Física não ficaram de fora e responderam a uma entrevista para compor as respostas desse estudo.

Foi observado, com a pesquisa, se nas Escolas Municipais a Educação Física tem espaço no ensino noturno, já que não compreendemos o porquê de os alunos deste turno ser liberados do componente curricular como se ela apenas servisse para correr e pular. Compreendemos a Educação Física como um componente curricular reconhecido por lei e que se apresenta na escola como formadora de conhecimento e práticas corporais necessárias à vida do aluno em qualquer faixa etária ou turno que se encontre.

Para maior entendimento do estudo, dividimos este trabalho em cinco capítulos a fim de compreendermos melhor o significado da Educação Física na EJA. O primeiro apresenta uma reflexão sobre educação, escola e trabalho. O segundo capítulo aborda a Educação de

Jovens e Adultos. Passando ao terceiro capítulo, aonde falamos da Educação Física na educação de Jovens e Adultos, apresentamos um levantamento que fizemos em sites e revistas científicas, buscando identificar trabalhos relacionados à Educação Física sobre a temática. Seguindo em frente, no capítulo quatro, trazemos a metodologia do estudo como norte para a construção deste trabalho. E por último, no capítulo cinco, mostramos a análise dos dados a partir dos diários de campo, dos questionários aplicados aos alunos e das entrevistas respondidas pelos professores de Educação Física da instituição.

Os resultados foram organizados de acordo com os diários de campo através de um processo de ocorrências divididas em episódios e ações de rotina. Já para apresentação do conteúdo dos questionários foram criados gráficos com seus comentários. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e colocadas em um quadro comparativo de respostas a fim de saber a opinião dos professores de Educação Física sobre a possível existência da Educação Física para EJA nas escolas municipais de Campina Grande - PB.

Finalizamos nosso trabalho apresentando as considerações finais do estudo, bem como os anexos produzidos na construção do trabalho.



IMAGEM - 01

CAPÍTULO I
EDUCAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO

CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO

1.1 A ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL: DAS CRIANÇAS AOS ADULTOS

Entender a escola como detentora do saber é entendê-la como parte importante na formação da sociedade. É entender o seu papel na formação do indivíduo para introduzi-lo no meio social. A escola pode estar funcionando num cantinho de um quintal, mas ela jamais deixará de ser um espaço de aprendizagem e descobertas. De fato, ainda existem lugares em que educar é um desafio pelas dificuldades encontradas, seja em relação a profissionais ou a escolas estruturadas para tal.

Falamos da dificuldade que é educar em lugares distantes, sem infraestrutura e da falta de profissionais qualificados. Isso não quer dizer que as pessoas estão desassistidas de educação. Em seu lugar estão atuando, normalmente, pessoas comprometidas com a educação e que se esforçam em prol dos alunos na tentativa de educar pelo conhecimento adquirido com o pouco estudo e a vivência na comunidade. Isso tem feito a diferença em algumas regiões do nosso país. O ato de educar vai além dos recursos materiais disponíveis, as adaptações às vezes fazem milagres.

Seja na zona rural ou urbana, as pessoas precisam entrar em contato com a escola para que recebam algo a mais no seu desenvolvimento. Não sendo responsabilidade só da escola, mas esta assume uma função importante na sociedade. Portanto, educar não é tarefa apenas da escola, mas dos pais e da sociedade como um todo. Assim, a escola é a nossa segunda casa, lá formamos novos amigos, somos orientados, cobrados e com isso somos educados além do que recebemos dos nossos pais/família. A escola é o lugar adequado para a formação diferenciada dos alunos, quando entendemos o currículo em sua variedade de áreas.

Escolarizar vai além dos componentes curriculares. Antes a escola era vista como aquela que formava para a vida profissional. Os alunos lá estavam para vencer uma etapa e avançar para outra que era a universidade ou para garantir um emprego. Muitos alunos perguntavam o porquê de alguns componentes curriculares estarem no currículo escolar, já que esses, segundo eles, não serviriam para a vida profissional que escolheriam. Hoje, sabemos que quanto mais conhecimentos adquirirmos melhor será para a nossa formação. Uma vez que entendemos que para melhor solucionarmos nossos problemas é preciso adquirir conhecimento sobre as diferentes áreas. Ou seja, é preciso ficar “atenado” ao que está acontecendo no mundo.

Na busca de um futuro melhor para os seus filhos, os pais os matriculam na escola, e mesmo que os pais não tenham tido acesso a mesma em sua juventude, eles sabem a

importância da educação escolar e seus benefícios em tempos futuros. Por isso, a escola deve estar preparada para receber o alunado e pôr em prática seus objetivos. Para isso, a escola cria regras de funcionamento e tudo isso deve ser respeitado pelo corpo docente, funcionários e alunos.

Ela também se prepara para melhor atender as necessidades dos alunos elaborando o Projeto Político Pedagógico anual e capacitando seus profissionais através de formações e reflexões sobre as dificuldades encontradas diante do ato de educar. Não podemos dizer que as escolas públicas em seu desenvolvimento têm superado os problemas internos, mas que estas têm tentado mudar o quadro social que encontramos dando sua contribuição para formação através da educação que é de sua competência (GADOTTI, 2001).

Um dos problemas encontrados é a falta de interesse dos alunos, realidade que é ampliada a cada instante. A escola se encontra em crise de sentido. Os alunos já não sabem mais por que e para que estudar! Só ouvimos falar na ânsia de terminar o ensino médio e a conseqüente conclusão dos estudos. Parece um sonho de todo adolescente. Mas concluir o Ensino Médio basta? Numa sociedade tão concorrida? Entendemos que não! (VASCONCELLOS, 1998).

Os educadores já não podem dar as respostas de antes: - Estudem para arrumar um bom emprego! Uma vez que existem profissionais batendo um no outro sem expectativa de emprego. Então, o que fazer para sair dessa crise educacional? Primeiro, o professor deve acreditar em sua capacidade de ensino, amar o que faz, assim ele poderá dar respostas aos alunos desestimulados e com isso usar o seu poder de educar. Ele deve deixar claro que a escola tem o papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, cultural, intelectual e físico do aluno para que esse possa entender a escola como um espaço de transformação.

A escola, além de alfabetizar, desenvolve laços de afetividade entre professores, alunos e funcionários. Esses laços contribuem para a educação dos alunos, diminuindo com isso a agressividade entre outros comportamentos trazidos de casa ou da rua. Simples gestos põem em prática a inclusão daqueles que são tímidos, carentes e solitários. Com essa atitude, a escola apresenta uma proposta de socialização muito importante para seus alunos, o que nos dar satisfação de ver que a escola vai muito além do aprendizado sistematizado, ela integra o aluno em diferentes sentidos.

Segundo, deve haver a reflexão de gestores e organizadores gerais da educação nacional, estadual e municipal sobre o que se deve fazer para alcançar as metas anuais em relação à evasão escolar, aos desestímulos dos alunos, para, a partir daí, propor soluções eficazes para solucionar os problemas, além de definir prazos para realização das mesmas. Percebemos

então, a relevância de uma escola comprometida e a importância do professor nesse processo educativo. Vasconcellos (1998, p. 74) nos diz que:

O professor é, por excelência, o articulador do sentido: através do trabalho com o conhecimento ajuda as novas gerações a atribuírem sentido ao mundo em que vivem; caso perca o sentido do seu próprio trabalho, perde o eixo de referência do ensino.

Mesmo sabendo que é pela educação que se transforma o mundo, queremos ainda refletir sobre a não atuação dos profissionais graduados formados recentemente. O que estaria desestimulando esses profissionais? Baixos salários, grande número de alunos por turma, falta de material didático etc. Esses podem ser alguns fatores que estão impedindo a atuação dessa categoria, mas se continuar assim quem serão os futuros educadores? Quem ampliará o conhecimento para as próximas gerações? Difícil responder!

O que sabemos é que a situação educacional só se agrava e nos deixa numa posição nada agradável em relação a outros países da América Latina. Encontramo-nos na 4º posição na América do Sul, mas poderíamos estar ocupando uma posição melhor (Vanessa, 2011, pag. 08). O que fica claro é a falta de investimento na educação brasileira apesar de muito ter sido feito. Cientes desta situação, valendo-se da necessidade de mudança, as famílias poderiam contribuir mais um pouco na formação dos seus filhos, já que a escola e a família fazem a diferença na hora de educar. Sem a família a escola fica desprovida dos valores atribuídos às crianças e aos jovens. Sem a escola as crianças e os jovens ficariam limitados aos valores internos do lar. Assim, o governo disponibiliza a verba e a família junto à escola abre caminho para formação do cidadão reflexivo.

Essa parceria entre escola e família deve começar pela escola, fazendo com que os pais sejam atraídos para o seu interior através de reuniões de pais e mestres e apresentações culturais, mobilizando-os a participar ativamente da vida do filho. Nestes momentos ela deve usar destes atrativos como incentivo à aprendizagem e desenvolvimento do aluno dentro da escola.

Até aqui falamos muito da escola como espaço educacional de crianças e jovens, mas a escola também recebe adultos no ensino noturno, na maioria alunos da classe trabalhadora: donas de casa, pedreiros, pintores, entre outros, profissionais que por algum motivo ou por outro atrasaram os estudos ou que nunca estudaram, como é o caso de parte dos alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Esse grupo é assistido pelo programa do Governo

Federal - Programa Brasil Alfabetizado (BRASIL, 2009), que há alguns anos tem tentado erradicar o analfabetismo no Brasil.

O referido programa atende a pessoas que buscam melhores oportunidades através do estudo, uma vez que, para ser vigilante ou empregada doméstica, é preciso saber ler e escrever, para, por exemplo: atender a um telefonema e saber anotar algum recado ou número de telefone.

Queremos então entender que escola é essa que educa jovem e adulto? A escola é a mesma, a pedagogia, os materiais didáticos, o turno que geralmente é à noite é que a diferencia. Em relação aos componentes curriculares, dá-se uma ênfase maior à língua portuguesa e matemática de forma que envolvam conhecimentos gerais do dia a dia situando o aluno no espaço que ocupa na sociedade. O governo disponibiliza livros voltados para a EJA, a exemplo de: Vida Nova: Alfabetização de Jovens e Adultos (2007). Livro de linguagem simples e com muitas gravuras (linguagem não-verbal), que ajuda na comunicação e desenvolvimento do aprendizado dos alunos.

Esse recurso tem ajudado a milhares de jovens e adultos no Brasil inteiro em sua formação. Com a disponibilização de material didático e professores hoje já com formação para atender este público, o governo pretende reduzir o nível de analfabetismo em nosso país. Aqui, o aluno deixa de ser analfabeto quando “É capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhece” (SESI, 2003, p.28).

O objetivo então do programa do governo é dar uma visão melhor de mundo aos que estão no processo de alfabetização, fazendo com que cada aluno possa usar o conhecimento para o seu próprio benefício e da comunidade em que vive. Assim, a escola dotada do saber contribui para a formação integral do aluno e abre as portas para o conhecimento. E sem dúvida alguma forma a massa crítica social. Segundo o dicionário Aurélio, a escola é um “Estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo. Alunos, professores e pessoas de uma escola. Sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer ramo do saber” (AURÉLIO, 2001).

A escola abre portas aos que estavam sem expectativas a dar sentido às suas vidas. Imagine você como é viver numa sociedade como a nossa sem saber ler e escrever. Sem saber pegar um transporte público. Sem saber o que está escrito nas faixas e letreiros de frente às lojas e supermercados. Ter que pedir informação para tudo que precisa saber. Deve ser uma sensação muito ruim, de impotência e invalidez!

Agora com a EJA, os alfabetizados estão, não só juntando sílabas, mas descobrindo um mundo desconhecido que é a leitura e a escrita. E com isso desvendando os mistérios da

leitura e escrita que os deixavam escravos e submissos às outras pessoas. Estão, portanto, enxergar de outra maneira as coisas ao seu redor dando significado a cada uma delas. Estamos aqui nos referindo àqueles que são perseverantes em seus estudos e buscam uma outra posição na sociedade.

Por isso, como foi mencionando antes, a EJA, não apenas trata a língua portuguesa e a matemática em sua íntegra para a formação de palavras, separação delas ou soma de números, mas, contextualiza com a rotina de cada indivíduo para que este compreenda melhor o significado das coisas, de estar frequentando uma escola e a importância dela em sua formação. Com a inclusão do componente curricular Educação Física, os alunos terão a possibilidade de aumentar o seu conhecimento, além de serem induzidos a viver melhor no seu ambiente de trabalho, em casa, no momento de lazer com a família e na sociedade como um todo.

1.2 A ESCOLA E O TRABALHO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O trabalho é definido como “a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim” (AURÉLIO, 2001).

A EJA é formada por grupos pequenos de alunos na faixa etária de quinze a sessenta anos, ou até que tenham possibilidade de estudar. Pessoas geralmente que trabalham durante o dia e que à noite tentam ser alfabetizadas ou que desejam concluir seus estudos já que o que conhecíamos como supletivo mudou de nomenclatura e passou a ser EJA (BRASIL, 1996)

Após uma jornada de trabalho, nem sempre é fácil sentar-se numa cadeira para assistir aula. O corpo pede descanso e a mente implora por ele. No mais, estimulados pela possibilidade de dias melhores, em relação ao mercado de trabalho, os alunos enfrentam as aulas para garantir uma posição mais satisfatória ou para aqueles que não precisam mais trabalhar, o direito de saber ler e escrever para, assim, entender o mundo ao seu redor.

Vivemos em uma sociedade muito exigente, onde aquele que estiver melhor qualificado permanecerá nas melhores posições, enquanto os que não se esforçam vivem à margem da sociedade se lamentando sem encontrar soluções. Assim, para nos qualificarmos nas diferentes profissões, o primeiro requisito é saber ler e escrever. Sem o conhecimento básico, muitas pessoas ficam impossibilitadas de avançar em busca de outras profissões que garantam salários justos.

O salário justo vai garantir a sobrevivência do trabalhador, que lhes permitirá garantir: alimentação, moradia, saúde e dignidade. São essas as necessidades básicas das famílias. Para

suprir essas necessidades, muitos adultos da EJA trabalham para garantir o sustento. Outros, quando crianças, tiveram que trabalhar para ajudar seus pais e por esse motivo não puderam estudar no tempo certo, um dos motivos pelo qual aumentou o número de analfabetos em nosso país.

As crianças do nosso Brasil já foram bastante exploradas com o trabalho infantil. O que gerou uma multidão de jovens e adultos analfabetos. Por esse motivo, o governo criou um programa de ação chamado Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI para combater a exploração das crianças, que são introduzidas como adultos no mundo do trabalho, fase em que deveriam estar estudando e vivendo a sua infância. Toda essa preocupação do governo deve-se ao cumprimento do Plano Nacional de Educação - PNE, que prevê diminuir o analfabetismo no Brasil a cada década.

Entendemos, então, que se todas as crianças estiverem na escola, no futuro não precisarão enfrentar as dificuldades de ter que estudar e trabalhar ao mesmo tempo e que esse direito a elas garantido lhes renderá melhores meios de sobrevivência, melhores empregos e salários, educação e relacionamentos saudáveis. A escola tem esse poder de introduzir através do ensino o cidadão dinâmico no meio social.

O trabalho é muito importante na vida do ser humano porque além de permitir segurança, dignidade e o sustento, viabiliza a realização de sonhos por ele planejados mesmo que o salário seja curto. Por isso, muitas vezes, a conquista se dá com a ajuda do trabalho da mulher, que se vê obrigada a deixar seus filhos na creche logo cedo, não restando tempo para o estudo. Assim, Freire (1997, p.17) afirma:

[...], cada vez mais as mães precisam trabalhar, porque o salário do marido é insuficiente para suprir as necessidades básicas de uma de família. Bem que eu gostaria que todas as mulheres adquirissem o mesmo direito de trabalhar que os homens, mas em condições justas, não pelos motivos mencionados.

A mulher lutou pelo direito à liberdade de estudar, trabalhar e ganhar um salário digno de sua competência. Sua saída de casa dobrou a sua responsabilidade, mas deu a ela a oportunidade de sonhar e realizar seus sonhos junto a sua família. A necessidade de sobrevivência, o cansaço, o sonho da casa própria, ao longo dos anos têm feito com que muitas delas deixassem o estudo em segundo plano, algo que mais tarde fará falta em sua vida social e profissional.

A Constituição Federal (1988), por sua vez, garante à classe trabalhadora o acesso à escola: O poder público viabilizará o acesso e a permanência do trabalhador na escola,

mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996). A EJA é, portanto, um programa responsável pelo acesso do trabalhador à escola. É através desse programa que os alunos terão acesso à leitura e à escrita. Com base no desenvolvimento desse trabalho, queremos dar nossa contribuição para a formação do conhecimento através da Educação Física e mostrar que é possível lidar com esse público.

Mesmo tendo conhecimento da lei que diz: “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo facultativa ao aluno que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas” (BRASIL, 1996, p. 26), nós profissionais de Educação Física queremos refletir sobre a importância de atuarmos no período noturno escolar, porque entendemos que por ter passado um dia de trabalho, esse grupo precisa de uma atividade que permita, além do conhecimento do porquê se está realizando aquela atividade, a prática necessária a sua liberação de cansaço, elevação da autoestima, entre outros.

Para não entendermos esse programa com um público só de jovens e adultos trabalhadores, lembramos aqui os alunos não trabalhadores que estão atrasados em relação a sua faixa etária. Esses são muitas vezes filhos de famílias desestruturadas com histórico de vícios e analfabetos de várias gerações, que por esses motivos lhes falta incentivo para estudarem ou continuarem estudando e assim concluírem seus estudos. O atraso nos estudos acarreta maiores dificuldades para encontrar emprego, (que é um dos objetivos dos alunos da EJA), isso porque hoje há uma exigência muito grande do mercado de trabalho.

Assim, mesmo que o aluno esteja atrasado em seus estudos, ele terá acesso à escola assegurado por lei: no nível de conclusão do ensino fundamental, para maiores de quinze anos e no nível de conclusão do ensino médio, para maiores de dezoito anos. (Art. 38, LDB) (BRASIL, 1996). A educação básica é direito de todos os cidadãos, sendo a EJA um desafio para o governo nos dias atuais. Pois o público a quem o programa se destina passa por acentuada desistência de alunos, isso devido, talvez, ao cansaço e ao desestímulo.

Estatísticas recentes (janeiro de 2011), dos analfabetos no Brasil, mostram números preocupantes:

Analfabetos representam 7,3 % da população (191,7 milhões de habitantes), enquanto os universitários somam apenas 3,4 %. (...) No Brasil, 8,2 milhões de pessoas necessitam de alfabetização para que a meta de apenas 4% de analfabetos seja batida até 2020. (...) caso alcance o índice até 2020, o país passará a ter 5,8 milhões de indivíduos que não sabem ler nem escrever. (VANESSA, 2011, p. 08).

Percebemos pela apresentação desses números, que ainda há muito que se fazer em termo de alfabetização em nosso país. Que a EJA está sendo um pequeno passo na melhoria da educação brasileira. Cabe, então, à população de estudantes, jovens e adultos, aderirem ao programa mais efetivamente sem permitir que o sistema capitalista atual os suguem fazendo-os trabalhar mais que o normal em busca de melhores condições de vida. Esta será uma atitude que só a eles cabe tomar, uma vez que a EJA os beneficiará para toda a vida.

Ao voltar para a escola, o aluno EJA, em sua maioria, já tem uma vivência que o faz ansiar por resultados imediatos, o que nem sempre é possível, uma vez que muitos têm que começar do zero a sua aprendizagem. Talvez eles não entendam o processo pelo qual estão passando, mas que este é lento, progressivo e depende do empenho de cada um para que haja sucesso. Essa busca de resultados rápidos se dá pela necessidade de encontrar um emprego, mudar de emprego ou melhorar sua atuação no espaço de trabalho.

Percebemos, então, a importância que têm a escrita e a leitura na vida das pessoas e a imediata inclusão no universo social que ela proporciona. Infelizmente muitos não conseguem perseverar nos estudos, contribuindo assim para o estacionamento do Programa de Erradicação do Analfabetismo no Brasil. Alguns alunos só se mantêm na escola até a chegada da carteira de estudante, outros não dão continuidade aos estudos devido ao cansaço do dia de trabalho.

As decisões acima tomadas geram o que chamamos de evasão escolar, que acarreta atraso nos estudos e desestímulo para os que desejam continuar estudando. As desistências dos alunos prolongam o término dos estudos fazendo com que suas metas naufraguem diante de si mesmos. Por esses motivos, a escola deve estar alerta para a frequência dos alunos do ensino noturno, dando estímulo para que não desistam dos seus objetivos.

Com o componente curricular Educação Física na EJA, os alunos poderão vivenciar os movimentos corporais para a descoberta de si mesmos e do outro, bem como descobrir o sentido e significado da prática da atividade física, permitindo, assim, a socialização e entendimento sobre as coisas que os rodeiam. Para isso, as atividades devem ser prazerosas, estimulantes e atrativas para que deixem sempre um resquício de quero mais e assim contribuir para a redução da evasão escolar.

Sabemos que não é fácil ter que trabalhar e estudar. Por esse motivo, entendemos que a Educação Física aplicada a esse público deve ser de caráter lúdico, permitindo que todos se envolvam e realizem as atividades propostas. Além da ludicidade, existem outros estímulos que serão de grande importância para atingir o alvo que pelas atividades se desejam alcançar.

Tais estímulos, entre eles a motivação e superação de determinadas situações, devem fazer parte das descobertas dos alunos dentro das aulas.

Ainda podemos citar outros elementos estimulantes para a realização das aulas, os materiais: bexigas, bolas, cones, vendas, cadeiras, fitas coloridas, arcos, entre outros. Todo esse aparato de materiais deve estimular a participação nas aulas se as mesmas tiverem bem elaboradas para o fim que se destina. Pois uma aula seja ela com ou sem materiais, precisa atingir suas metas, principalmente porque estamos falando de um grupo misto em idades, o que dificulta bastante à escolha das atividades.

Quanto aos governantes, cabe a eles tomar medidas que tragam resultados, mesmo que lentos. O que se deve considerar é que cada região tem sua cultura e suas dificuldades, o que nos permite entender que se precisa de políticas diferenciadas para cada uma delas. Se fôssemos comparar o número de analfabetos por região, poderíamos entender que na região Nordeste há um maior número deles, enquanto que no Sul os números caem consideradamente. Dados de 2006 mostram essa realidade: no Nordeste era de 18,9%, enquanto nas regiões Sul e Sudeste eram respectivamente de 5,2% e 5,5%. (...) Os dados demonstram, nesse aspecto, um imenso desequilíbrio regional (BARBOZA, 2010).



Imagem - 02

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



Imagem – 03

CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Desde a colonização brasileira, ouvimos falar de ensino (catequese dos índios). Os jesuítas tinham dois objetivos: pregação da fé católica e o trabalho educativo. Como é de se imaginar, muitos adultos foram educados naquela época de grandes dificuldades. Com a expulsão dos jesuítas, no séc. XVIII, houve uma ruptura na ação educativa imposta por eles. Assim, novas tentativas de educar adultos só aconteceram no período imperial, já que as crianças, com a constituição de 1824, já tinham garantia de estudo gratuito (SALDANHA, 2009).

Chegamos ao século XX, na década de 30, com o crescimento dos centros urbanos, industrialização, tecnologia, muitas pessoas deixaram a zona rural e migraram para as cidades. O que tornou conhecido o grande número de adultos analfabetos, ou seja, não foram contempladas pelo estudo. Essas pessoas estavam conseqüentemente à margem da sociedade e de uma forma ou de outra precisavam atuar no meio social. Foi quando o governo percebeu a necessidade de alfabetizar também esta categoria e reduzir assim os números alarmantes de analfabetos no Brasil.

Ainda nesta década, o governo passou a projetar diretrizes educacionais que dariam direito ao estudo, não só às crianças, mas a todos os brasileiros. Mesmo com a criação das diretrizes, as camadas mais baixas tinham apenas o direito à alfabetização simplificada, uma vez que o governo entendia que não podia abrir demais a mente das pessoas com medo de represálias ou revoluções populares.

O acesso à alfabetização era muito precário, com pouca qualidade e tempo resumido. O que dificultava ainda mais o aprendizado. Foi então que, na década de 40, esse quadro começou a sofrer transformações fazendo com que programas mais eficientes fossem elaborados pelo governo e introduzidos na sociedade.

Programas de políticas pedagógicas como: Regulamentação do Fundo Nacional do Ensino do INEP – Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais, CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, este último com a preocupação de elaborar materiais didáticos e propostas de um melhor ensino para essa categoria. A alfabetização de adultos recebeu muitas críticas por estar em fase inicial e ainda não ter uma organização satisfatória. Mesmo assim, a luta pela escolarização continuou até que em 1950,

após a Ditadura Militar, foi realizada a Campanha de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), o que aumentou as reflexões para elaborar propostas de forma a dar uma resposta à sociedade sobre a educação de adultos.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1970, tomou todo o território nacional convocando aqueles que não tiveram acesso, ou por algum outro motivo não estudaram, a receber aquilo que é de seu direito – a educação. Seguindo, então, para a década de 1980/1990, as dificuldades ainda eram visíveis, pois mesmo com programas criados para a alfabetização, faltava uma política mais eficaz para combater o analfabetismo no Brasil.

Na LDB 5.154/2004 – Art. 37 fica a certeza da inclusão dos jovens e adultos no programa de ação educacional do governo: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental ou médio na idade própria” (BRASIL, 1996). Com o passar dos anos, o MEC (Ministério da Educação e Cultura), em 2003, priorizou a Educação de Jovens e Adultos como meta a ser alcançada.

Para alcançar o objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil, o governo Lula (2002-2010), desejoso de fazer o plano dar certo, criou uma secretaria especial e lançou o programa Brasil Alfabetizado que em parceria com os Estados e Municípios, Universidades e ONGs pudessem desenvolver ações para alfabetizar a população e assim reduzir os números de analfabetos no Brasil.

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Com o acesso à alfabetização, muitas pessoas tiveram a oportunidade de aprender através de reflexões direcionadas a temas previstos nos programas educacionais e através desses puderam resolver situações até então complicadas da vida diária. Cabe aqui salientar que a zona rural também foi contemplada com o ensino básico de educação e que ninguém era forçado a estudar, portanto, só procurava a escola aquele que realmente tinha a vontade de aprender a ler e escrever.

Nesse sentido, o parágrafo anterior, nos faz perceber que há uma preocupação por parte do Governo Federal com o quadro atual de analfabetismo no Brasil e que se vem ao

longo dos anos tentando mudar essa pintura brasileira na tentativa de incluir mais pessoas na sociedade pensante e crítica em que nos encontramos.

Hoje muitas pessoas acima de quinze anos e de idade avançada estão tendo o direito de ler e escrever. Mas, será que apenas escrever o nome é o suficiente? A escola precisa estar melhor preparada para se dedicar a este público, que antes de tudo é convocado a ser cidadão consciente dos seus direitos e deveres. Para, enfim, fazer parte da democracia idealizada pelos brasileiros. Não que essas pessoas por si só não façam parte da sociedade, mas que a partir da educação adquirida possam legalizar sua atuação como cidadão.

A importância de saber ler e escrever não é apenas para que cada um possa ler um manual de forno microondas, ou para que saiba trabalhar em um computador. A importância de que estamos falando é muito maior do que isso. Infinitamente maior. Estamos falando de cidadania BORGES (2004, p. 13 *apud* SCHNEIDER, s/d).

Ser cidadão, portanto, não é apenas ocupar espaço na sociedade, mas agir, construir, transformar o ambiente em que se vive. É ser capaz de refletir, dialogar e criticar pensamentos e ideias ao longo da vida. E mais que isso, é saber o que é e o que representa no meio social. Se professores tiverem consciência de tudo isso, a EJA no Brasil terá a capacidade intelectual de formação do educando através da educação para inclusão. E mais, os alunos compreenderão o rumo que a EJA pretende dar com essa formação. Uma vez que se compreende aonde se quer chegar, ou qual objetivo deseja alcançar, fica mais fácil direcionar os conteúdos e os participantes do programa de alfabetização.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A educação é a base principal do desenvolvimento humano. É a partir dela que são gerados cidadãos críticos, conscientes e capazes de tomar decisões importantes. Sendo assim entendida, a educação deve ser gerada através da troca de experiência entre professor e aluno no ambiente escolar. Para que se entendam deve existir uma linguagem apropriada que será descoberta em grupo no momento do ensino-aprendizagem. Para isso, deve-se levar em consideração o grupo em que se está trabalhando, a faixa etária, a série, o turno e outro fator importante é o que se deseja alcançar com o ensino proposto.

Observamos, nos dias atuais, que há uma preocupação dos governantes em relação ao ensino voltado para a EJA em nosso país, o que nos diz da necessidade de incluir aquelas

pessoas que por um motivo ou outro deixaram de receber a educação que é de seu direito. A Constituição Federal de 1988 estabelece que “a educação é direito de todos e dever do estado e da família [...]” e, ainda, ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Assegurados por lei, os alunos que estão atrasados quanto à escolarização, buscam a escola para dar um pontapé inicial e deixar de ser mais um na lista de analfabeto, para continuar ou para concluir os seus estudos. A EJA dá a esses alunos a oportunidade de enxergar a sociedade em que vive de outra forma, quando permite ao aluno a educação e a escolarização adequada diante da situação que este se encontra.

A escola adotou o Plano Nacional de Educação que apresenta em um de seus objetivos “[...] a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso, à permanência e sucesso escolar [...]” (BARBOZA, 2010, p. 93), fato que impulsionou os professores a se prepararem de forma a assumir essas novas turmas que necessitam de um atendimento especial, já que são formadas de pessoas de idades diferentes e por si só pensamentos e opiniões diversas e precisam permanecer na escola para o aprimoramento do conhecimento. Essas turmas precisam de mais atenção, criatividade e elaboração de aulas eficientes e produtivas, uma vez que o tempo regular da EJA é menor que no ensino regular.

Houve então a necessidade de elaborar planos que orientassem e tirassem as dúvidas dos professores para atender esse público. Por isso, o Ministério da Educação, junto à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), formularam um Manual de Formação para os professores, a fim de orientá-los através de reflexões de temas relacionados à EJA e à prática a ser utilizada com esses grupos:

A qualidade da educação ofertada aos jovens e adultos, que voltam aos estudos por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, nem sempre tem se mostrado adequada, o que se justifica pela falta de formação específica de boa parte dos profissionais que atuam na EJA (BRASIL, 2008, p. 2).

A SECAD desenvolveu um Manual de Formação para dar um maior subsídio aos profissionais que já atuam no ensino regular nas escolas do Brasil. Essa formação lhes dará maior segurança e norteamento quanto aos temas a serem desenvolvidos e discutidos em sala de aula, bem como certeza de melhores resultados no que se diz respeito à escolarização.

Os níveis de analfabetismo no Brasil ainda são muito altos, por este motivo o Ministério da Educação tem se mobilizado para reduzir este número com

uma proposta para aqueles que se interessam pela alfabetização. O Serviço Social da Indústria – SESI tem buscado formar profissionais qualificados para tornar nossa sociedade mais instruída de saberes e com isso dar direito à inclusão àqueles que se encontram à margem, sem estudo e conhecimento.

Diante de todo este apanhado de informações, cabe-nos perguntar: os profissionais de educação têm uma formação para se especializar no atendimento dos alunos da EJA, porque os de Educação Física não são incluídos? Será que não somos reconhecidos como educadores? Ou simplesmente a escola decide que não podemos atuar? Somos, antes de tudo, profissionais educadores, cabendo a cada um e ao seu coletivo “responsabilizar-se pelo compromisso social solidário que o identifica na profissão da docência” (MARQUES, 1992 *apud* PIRES; NEVES, 2001 p. 60).

Cabe-nos então entendermos o porquê da exclusão dos professores de Educação Física no ensino noturno, já que esses também são capazes de atuar neste turno de forma satisfatória ampliando a cultura escolar e propiciando práticas que podem não ter sido vivenciadas pelos alunos da EJA. Passada a fase de ensino regular, tais alunos perderam a oportunidade de desenvolver, em aulas práticas de Educação Física, habilidades de caráter corporal importantíssimas à vida diária.

Com as aulas de Educação Física no ensino noturno, o aluno terá a oportunidade de vivenciar movimentos simples, de grande valia para o seu desenvolvimento motor e, conseqüentemente, terão o seu campo de conhecimento ampliado. Vale salientar que o profissional de Educação Física no seu período de formação acadêmica já tem uma preparação especial em termos de desenvolvimento motor, movimentos corporais, habilidades motoras, bem como uma gama de conhecimentos voltados para temas diversos apresentados em seminários. E que a especialização para esse profissional será um nível a mais de formação e conhecimento para que este possa melhor educar os alunos da EJA através de sua prática pedagógica.

2.3 ESCOLAS QUE ADOTARAM A EJA EM CAMPINA GRANDE - PB

O governo atual vem tentando ampliar as vagas em escolas públicas em todo o país com o objetivo de erradicar o analfabetismo que suja a imagem do mesmo. Com esse objetivo, o governo também tem investido nos alunos trabalhadores ou que estão atrasados em seus estudos, para que a educação do país seja vista de outro ângulo. A respeito disso,

apresentamos os dados da Secretaria de Educação da cidade de Campina Grande com relação às escolas que estão nessa luta pela alfabetização e inclusão social.

Em nosso Município, temos 87 escolas, sendo que 45 adotaram o Programa de escolarização para Jovens e Adultos. Enquanto que as 42 restantes estão com o ensino voltado para a educação regular. Percebemos que mais da metade das Escolas Municipais alfabetiza essa categoria de estudantes. Isso mostra que estamos avançando no sentido de levar educação para todos.

Com relação às escolas acima citadas, apenas uma apresenta Educação Física uma vez por semana no ensino noturno¹. Isso implica dizer que a lei que desobriga o aluno trabalhador a participar das aulas, tem afastado tanto profissionais como alunos das salas de aula (Educação Física) na EJA. Há, portanto, uma inquietação neste sentido, fato que nos levou a pesquisar a inserção do componente curricular Educação Física no ensino noturno (EJA).

Todas as coisas passam por processos de formação. Assim, para que as escolas adotassem o Programa de Jovens e Adultos, elas tiveram que preparar seus professores para superar as dificuldades encontradas no início da implantação do programa, direcionar o seu atendimento para esse público alvo. Enfim, elas tiveram que se adaptar à nova realidade. No entanto, novas propostas devem surgir em relação à EJA e o seu desenvolvimento, a Educação Física é uma delas.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A Educação Física no meio escolar passou ao longo dos tempos por mudanças influenciadas por acontecimentos sociais externos. Tais mudanças em cada momento da história nortearam as aulas de Educação Física no meio escolar. Assim, passando pela aptidão física, desporto, psicomotricidade, até chegar aos dias atuais voltada para saúde, bem-estar numa dimensão socioeducativa. Percebemos, portanto, que superamos a visão de que o corpo e a competição esportiva eram as finalidades da Educação Física escolar por parte de muitos profissionais, para contemplar o ser total pensante e crítico (BRASIL, 2001).

Cientes das mudanças neste sentido, outros questionamentos sobre a Educação Física escolar circulam entre os pesquisadores da área e os fazem refletir sobre a forma de atuação dos profissionais nos dias atuais. Com toda gama de conhecimento sobre a afirmação da Educação Física como disciplina obrigatória do currículo escolar, com a liberdade de

¹ Informação recebida do Secretário de Esporte de cidade de Campina Grande – PB, Tânio José Albuquerque Viana, em 04/11/10.

ministrar suas aulas, com a ajuda dos computadores e informações da internet, com tantos temas transversais a ser discutidos, o que leva um profissional a se tornar um entregador de bola, contador de pontos e árbitro de jogos na escola?

Sabemos de muitos motivos que nos levam ao desestímulo. Mas sabemos também da necessidade de educarmos e expandirmos a Educação Física escolar e fazer valer o nosso compromisso na escola com a direção, alunos e conosco mesmo.

Essa afirmativa se dá pelo fato de termos conhecimento de tantos trabalhos publicados, discutidos, apresentados sobre a Educação Física escolar e o pouco que é posto em prática em nossas escolas (DARIDO, 1995).

Para nortear a nossa prática, surgiram várias linhas de abordagens discutidas por pesquisadores da área. Citamos aqui algumas das quais contribuíram para nosso momento presente: Desenvolvimentista, Construtivista, Aptidão Física e Saúde, Crítico Superadora, entre outras. Não podemos dizer que seguimos uma das concepções, porque todas elas de forma direta ou indireta são utilizadas para as práticas em nossas escolas. Se uma defendeu em seu discurso um ponto de vista que chamou atenção de outros pesquisadores, isso se tornou positivo para o surgimento da outra, o que nos faz refletir sobre o que abordar em nossas aulas. No final quem acaba ganhando são os professores, seus educando e a sociedade como um todo (BRASIL, 2001).

Outro ponto que queremos discutir é sobre a identidade do professor de Educação Física na escola. O porquê de ele ainda não ter conseguido se firmar diante da direção e dos outros professores. Nem porque os professores de sala ainda usam essa disciplina como prêmio ou castigo para os seus alunos. Sabemos que a Educação Física ainda é vista como um momento de lazer, descontração e extravasamento dos alunos, por esse motivo muitos professores usam o componente curricular de forma desrespeitosa. Isso se dá por que desconhece os objetivos da Educação Física escolar. Enquanto para eles estamos brincando de “toca”, para nós professores estamos trabalhando, por exemplo: a noção de espaço-tempo, a coordenação, a velocidade e fazendo o aluno conhecer suas potencialidades (DARIDO; GALVÃO, 1997).

Sabemos, porém que tudo isso se deve ao pouco esforço de muitos profissionais que não têm justificativa para as suas aulas, pois pouco se informam, leem e se capacitam. Poderíamos utilizar mais dos poucos recursos que dispomos para inovar em nossas aulas e oferecer um serviço de qualidade, a fim de que nossa identidade fosse formada dentro da escola garantindo assim o respeito de todos. Se não nos esforçarmos para tal ficaremos sempre nos lamentando pelo que não se muda sem a nossa contribuição.

Muito ainda precisa ser feito dentro da escola. Os PCN's nos apontam os conteúdos que norteiam as práticas de ensino-aprendizagem de acordo com os ciclos. Mas é de se entender que não são receitas prontas para realização das atividades e por isso precisam da experiência do profissional de Educação Física para que estimule o pleno desenvolvimento do aluno.

A Educação Física escolar representa na escola uma construção para o aluno em sua totalidade e acontece desde o desenvolvimento das mais simples atividades expressivas, conhecimento do corpo, de suas habilidades, suas capacidades até as mais variadas descobertas dentro dos conteúdos citados. Que em seu reforço apresenta os temas transversais de caráter teórico e que vêm acrescentando ao aluno o conhecimento necessário sobre diferentes assuntos situando-o no meio que vive.

Dada a importância da Educação Física no meio escolar, sinalizamos ainda para a falta de estrutura física das escolas. Já que em muitos momentos, em quase 80% das aulas ministradas, a sala de aula é a própria quadra poliesportiva. Esse espaço é de suma importância para o desenvolvimento das crianças, jovens e adultos porque dá mais amplitude aos deslocamentos nas aulas, além de permitir as diferentes experiências ou vivências com as turmas.

Além destas contribuições, poderíamos apresentar a proposta da interdisciplinaridade não só por justaposição de disciplinas, mas pelo fato de querer conduzir o aluno por um só canal de aprendizagem para o seu desenvolvimento global. Afinal, o intuito da escola é um só: educar com qualidade o aluno para a vida em sociedade. A Educação Física tem essa flexibilidade em unir conteúdos e transformá-los em atividades que desenvolvam os alunos de forma global. Vejo esta experiência como um avanço. Pena que poucas escolas têm adotado esse tipo de experiência com seus alunos!

Referindo-nos à EJA, entendemos que seria de grande valia na formação dos alunos, já que 90% apresentam dificuldades diversas diante dos conteúdos apresentados, tanto com Educação Física, constatado em nossa intervenção pedagógica, como em português e matemática, que são as disciplinas mais aplicadas (PEREIRA, 2007).

O aluno da EJA, por ter sofrido desvios no seu percurso escolar, pode ser que encontre uma maior dificuldade para aderir esse jeito de viver a Educação Física escolar e atingir os objetivos, mas tudo exige um pouco de esforço para se conseguir e a Educação Física, ministrada por um profissional qualificado, mostrará saídas para que haja sucesso em suas investidas. Afinal, não depende apenas do seu esforço, mas do comprometimento dos alunos no desenvolvimento das aulas.

Um dos empecilhos para essa inovação escolar é a presença de professores antigos que não abrem mão de seu jeito ultrapassado de ensinar, e com isso não dão espaço aos mais jovens que estão chegando com todo gás para pôr em prática sua metodologia de ensino. Na verdade, se a categoria não for unida dentro da escola poucos projetos darão frutos. As escolas estão aí, os projetos realizados no ensino noturno é que estão em falta.

O importante é perceber que a EJA é um campo amplo com características a serem exploradas e construídas para que no futuro possam encontrar literaturas para um maior aprofundamento em outros projetos. E com isso servir de consulta enriquecendo trabalhos futuros. Aqui apresentamos apenas um pouco do que ainda se pode acrescentar sobre a escola, suas dificuldades, soluções e contribuições que a Educação Física tem a oferecer aos alunos da EJA no meio escolar.



Imagem – 04



Imagem - 05

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



Imagem – 06



Imagem - 07

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1 APONTAMENTOS DA LITERATURA

Desde a descoberta do Brasil, em 1500, que a estratégica utilização para a conquista dos índios aconteceu pela comunicação. Naquela época, para uma carta chegar ao destino desejado, passava dias porque o transporte era muitas vezes feito em navios, cavalos ou a pé. Esta volta no passado nós faz visualizar de onde partimos e aonde chegamos em relação às comunicações nos dias atuais.

O rádio, a televisão e o computador são as substituições dos meios de comunicação na sociedade contemporânea. Isso tem feito as informações chegarem mais depressa em nossas casas nos deixando mais informados e globalmente ligados. O mundo hoje diminuiu a distância que existia no passado pela Internet, meio pelo qual nos atualizamos a cada instante.

Todas as áreas de trabalho têm grupos de estudiosos (pesquisadores, cientistas) correndo contra o tempo para avançar nas descobertas relacionadas a conhecimentos específicos. Na Educação Física não é diferente. O que muito tem contribuído para o crescimento da área em relação a diferentes temas, permitindo aos profissionais ampliar seus conhecimentos.

Hoje encontramos diferentes revistas científicas e sites que publicam artigos voltados para a Educação Física, são elas: Motriz, Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE, Movimento UFRGS, Pensar a Prática, Google Acadêmico e Boletimef.com.br. Entre outras, essas revistas e sites têm publicado muitos artigos, voltados para diferentes temas que têm inquietado a sociedade. Com isso, tem deixado bem informado os profissionais de Educação Física e conseqüentemente a sociedade através deles.

Estamos com esse trabalho pesquisando sobre a Educação de Jovens e Adultos em Campina Grande. Para isso, foi feito um mapeamento para nos situarmos sobre artigos científicos pesquisados e publicados nessa área educacional. Fizemos uma pesquisa em relação aos sites e revistas citados acima, para levantar a quantidade de artigos sobre EJA publicados. Realizamos uma busca por palavra-chave, sendo orientado por: Educação Física e EJA.

NOSSO LEVANTAMENTO IDENTIFICOU:

Boletim Brasileiro de Educação Física

O BoletimEF é descrito como o maior portal de conteúdo científico da Educação Física brasileira voltado a professores e estudantes da Educação Física, Esporte e Lazer. Disponível em: www.boletimef.org: Acesso em: 03/10/11

Um artigo foi encontrado:

ARAÚJO, Rafael Vieira. Ensino da Educação Física de Jovens e Adultos, sobre um olhar psicopedagógico. Goiás, agosto de 2008.

Google Acadêmico - Artigos Científicos e Trabalhos Escolares

O Google é a maior empresa do ramo da internet, sempre oferece para seus usuários serviços grátis e de qualidade. Disponível em: www.linkatual.com/google-academico.html: Acesso em: 03/10/11.

Nenhum artigo foi encontrado.

Motriz. Revista de Educação Física. UNESP

Motriz. Revista de Educação Física. UNESP é um periódico científico trimestral, arbitrado e indexado, publicado pelo Dpto. de Educação Física, IB, campus de Rio Claro. Disponível em: www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz: Acesso em: 03/10/11.

Motriz: Um artigo foi encontrado.

PEREIRA, Giane Moreira dos Santos, MANZZOTTI, Tarso Bonilha. Representações Sociais de Educação Física por alunos trabalhadores do ensino noturno. Rio Claro, v.14, n1, p.53-62, jan/mar. Rio de Janeiro, 2008.

Movimento (ESEF/UFRGS)

A revista Movimento é uma publicação da Escola de Educação Física da UFRGS e tem por objetivo divulgar pesquisas sobre a Educação Física e sua interface com as Ciências... Disponível em: www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento: Acesso em: 03/10/11.

Movimento UFRGS: Nenhum artigo foi encontrado.

Motrivivência

Motrivivência: Revista de Educação Física Esporte e Lazer. ... Motrivivência é uma revista científica, editada com os objetivos de difundir as produções científicas e... Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia: Acesso em: 03/10/11.

Motrivivência: Nenhum artigo foi encontrado.

Pensar a Prática

Periódico Científico do Campo da Educação Física e Ciências do Esporte da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/fef: Acesso em: 03/10/11.

Pensar a Prática: Nenhum artigo foi encontrado.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Revista de Educação Física e Ciências do Esporte ... artigos mais acessados »EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE ADAPTADO: HISTÓRIA, AVANÇOS E RETROCESSOS EM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DA ... Disponível em: www.rbceonline.org.br: Acesso em: 03/10/11.

RBCE (Revista Brasileira de Ciências do Desporto): Nenhum artigo foi encontrado.

A fim de buscar esclarecer as contribuições que a Educação Física tem dado às turmas de EJA nas escolas municipais de Campina Grande, recorreremos ao Banco de Dados da UEPB – Monografias, com o intuito de procurarmos trabalhos concluídos que estivessem relacionados à Educação Física na EJA. Concluímos com a pesquisa que nenhum trabalho foi encontrado com um olhar para a Educação de Jovens e Adultos em nossa instituição. Os trabalhos estão voltados para crianças, jovens ou idosos separadamente. O que nos leva a entender que a EJA é campo a ser explorado pelos estudantes do Departamento de Educação Física (DEF) e que Campina Grande precisa de um trabalho direcionado para esse público. Tal resultado nos surpreendeu porque a EJA para outros componentes curriculares vem sendo bastante explorado como campo de atuação.

3.2 CONTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS ENCONTRADOS NAS REVISTAS E SITES MENCIONADOS

No trabalho encontrado no Boletimef.com.br, Araújo (2008) segue uma linha de construção parecida com essa pesquisa, quando fala sobre o histórico da EJA no Brasil, sobre a importância da Educação Física no meio escolar, a aplicação do questionário como um dos instrumentos da coleta de dados, a Educação Física como Componente Curricular e a EJA; e sobre a LDB (1996) que permitiu a facultatividade dos alunos na participação nas aulas de Educação Física no ensino noturno. Para, além disso, ele trouxe outra metodologia na construção da coleta de dados. Utilizou assim um olhar psicopedagógico.

Na análise diagnóstica psicopedagógica foi observada a postura do professor de educação física e de seus alunos, as relações de autoridade entre a equipe técnica e o professor da referida disciplina, os equívocos na percepção de alunos, professor e equipe técnica em relação à função da Educação Física e a complexidade dos conhecimentos dessa disciplina para o processo de formação humana (ARAÚJO, 2008, p. 09).

No trabalho localizado na Revista Motriz, (PEREIRA; MANZZOTTI, 2008) se aproximaram em seu discurso do trabalho aqui em questão, quando falaram do histórico da EJA no Brasil, leis que regem a Educação Física dentro das constituições federais e sobre os poucos artigos publicados relacionados à Educação Física para EJA. Ainda quando fizeram uma das perguntas que nós fizemos também: vale incluir o componente curricular Educação Física no ensino noturno? O trabalho teve como objetivo identificar os argumentos dos alunos sobre o papel da Educação Física no ensino noturno. Para isso, usaram diário de campo e entrevista semiestruturada. Os alunos identificaram as representações mais frequentes: a Educação Física é vista como momento de lazer, esporte e faz bem para a saúde. Os nossos alunos também tiveram essa visão com relação ao lazer e à saúde. O artigo foi realizado sobre a Educação Física no ensino noturno (EJA), mas com outro enfoque. Isso mostra que esse tema ainda pode e deve ser mais explorado pelos estudantes e pesquisadores de Educação Física.

Nas demais revistas não foram encontrados trabalhos voltados para Educação Física e Educação de Jovens e Adultos. Ficando a certeza de que a Educação Física precisa explorar essa temática de estudo.



Imagem - 08

CAPÍTULO IV METODOLOGIA DO ESTUDO



Imagem - 09



Imagem - 10

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DO ESTUDO

4.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar as possibilidades de inserção do componente curricular Educação Física no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande - PB.

Objetivos Específicos

- Analisar a proposta do Programa Educacional de Jovens e Adultos;
- Identificar as escolas que adotaram o Programa de Educação de Jovens e Adultos na cidade Campina Grande, e que possuem em seu currículo o componente curricular Educação Física;
- Identificar a posição dos professores de Educação Física quanto à presença ou ausência do componente curricular na EJA;
- Implementar uma unidade de ensino de Educação Física em uma turma de EJA;
- Analisar o trabalho desenvolvido junto à turma de EJA, identificando junto aos alunos qual a importância da Educação Física para sua formação.

4.2 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho foi constituído de uma pesquisa-ação, com abordagem quanti-qualitativa, e contou com uma unidade de ensino de Educação Física em uma turma de EJA a fim de se fazer entender a importância da Educação Física para essa categoria educacional. A pesquisa-ação se caracteriza segundo Thiollent (1998 *apud* Brasileiro, 2001, p. 91) é:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

4.3 POPULAÇÃO

A Educação Física é reconhecida como componente curricular obrigatório do currículo escolar. Ela vem ao longo dos anos ocupando espaço em diferentes áreas e em horários diversos. Diante disso a nossa população escolhida foi formada por escolas municipais que funcionam nos três horários e fazem parte do programa de erradicação do analfabetismo do governo federal.

4.4 CAMPO - AMOSTRA

A nossa amostra foi formada por uma turma de alunos da EJA, com alunos de ambos os sexos, idades variadas, já que é uma turma de alfabetização de jovens e adultos e dois professores de Educação Física da Escola Municipal Félix Araújo situada na rua: Otacílio Nepomuceno, s/n, no bairro do Catolé na cidade de Campina Grande;

4.5 INSTRUMENTO

Um dos objetivos específicos deste estudo foi a implementação de uma unidade temática ministrada para uma turma de EJA. O que aconteceu durante os meses de abril/junho deste ano. Para tal foram elaborados: 01 plano de curso, 08 Planos de Aula e 08 Diários de Campo. Após ministrarmos as aulas, coletamos os dados utilizando dois instrumentos: a entrevista junto aos professores de Educação Física da escola e o questionário junto aos alunos da turma escolhida. Neles questionamos a importância da Educação Física para os alunos da EJA e dos profissionais de Educação Física a respeito da não existência do ensino à noite. Também para compor nossa pesquisa nos utilizamos registro fotográfico e filmagem. Fizemos registro das aulas através do Diário de Campo no momento do desenvolvimento das aulas. Nossa prática se concretizou em duas aulas por semana (terça e quinta-feira) com a duração de 30/40 minutos.

4.6 COLETA DE DADOS

Foi escolhida para a realização da coleta de dados uma Escola Municipal situada no bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande. Com a permissão do diretor ou seu

representante legal foi assinado um termo de consentimento de participação na pesquisa. Em seguida os dois profissionais de Educação Física foram procurados para que fizessem o mesmo, se assim estivessem dispostos a participar da mesma. Dado por acertado os termos legais, apresentamos à direção o cronograma de atividades para em seguida conhecer e apresentarmos a proposta à turma escolhida e assim deixar tudo acertado para o início das aulas.

Queremos também deixar claro que os alunos tiveram livre escolha na participação ou não na pesquisa, assim como os demais profissionais citados.

4.7 ANÁLISE DOS DADOS

Para uma melhor compreensão dos resultados, os dados foram analisados com base nos registros das aulas, bem como nas respostas às entrevistas e questionários aplicados, de forma a melhor compreender a importância da Educação Física no ensino noturno e analisarmos se vale a pena insistir em dizer que a Educação Física pode gerar: conhecimento, satisfação, descontração e relaxamento, além da prática do movimento. E que ela deve ocupar um espaço no ensino noturno nas escolas Municipais.

4.8 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo segue rigorosamente as orientações e diretrizes regulamentadoras emanadas da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e suas complementares outorgada pelo decreto nº 93833, de 24 de janeiro de 1987. Ficando claro, assim, que será mantido o sigilo dos resultados obtidos e que poderá haver desistência, a qualquer momento, sem haver empecilhos por parte do pesquisador. Tal pesquisa foi aprovada e protocolada pelos o Comitê de Ética da UEPB e registrada com o número 0041.0.133.000-11.



Imagem - 11

CAPÍTULO V

UMA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA



Imagem - 12



Imagem - 13



Imagem - 14

CAPÍTULO V – UMA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA

5.1 A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA CONSTRUINDO O CONHECIMENTO NA EJA

Ao iniciar este capítulo analisamos com maior precisão os planos de aulas ministrados para uma turma de EJA em uma escola Municipal de Campina Grande – PB. Analisamos de formar a compreendermos se a Educação Física tem relevância para o ensino noturno, especificamente para a EJA. E com isso responder nossa inquietação em relação ao objetivo principal deste estudo, que é: Analisar as possibilidades de inserção do componente curricular Educação Física no Programa de Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande – PB.

Para dar início a esse processo, buscamos extrair dos Diários de Campo construídos durante a intervenção na escola as ocorrências surgidas durante as aulas e que subdividimos em episódios e ações de rotina:

Episódios foram eventos surgidos, ocasionalmente, durante o desenvolvimento da aula, mantendo um mesmo dado comum, embora nem sempre se repetissem da mesma forma em todas as aulas. Enquanto ações de rotina foram as atitudes que apareciam, habitualmente, na organização do trabalho da professora, em todas as aulas, de forma raramente alterada, demonstrando que integravam a própria estrutura de sua prática pedagógica e que, portanto, possuíam um potencial quantitativa e qualitativamente expressivo (BRASILEIRO, 2001, p 118).

Essa maneira de analisar nos permitiu ter uma visão sobre os acontecimentos vivenciados durante as aulas e nos deram uma resposta que foi importante para discutirmos a relevância da Educação Física escolar para a EJA e possibilitar, com isso, futuras possíveis intervenções.

Após observármos os pontos principais, discutimos cada um apresentando as falas dos alunos para um maior embasamento da ocorrência expressa. Não podemos, portanto discutir os fatos sem primeiro situar os leitores sobre o espaço em que atuamos, os participantes envolvidos e o conteúdo escolhido para que compreendam os desafios que enfrentamos.

5.2 EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA PARA EJA NA ESCOLA

A escola escolhida para a intervenção é da rede municipal de ensino e está situada na cidade de Campina Grande – PB, faz parte de uma lista de 87 Escolas Municipais existentes na cidade. Ao visitar a escola a diretora nos apresentou os espaços disponíveis e os alunos. Houve, portanto, um diálogo com os alunos para preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nesse momento, os alunos questionaram: “*Pra que é isso? A gente vai ter aula de ginástica é?*” (Aluna 01); “*A senhora vai liberar a bola né, pra gente jogar futebol né!*” (Aluno 02). Em outro momento os professores foram apresentados para um possível diálogo e consentimento que permitiria utilizar os trinta minutos finais de suas aulas.

Passando ao espaço físico da escola, ela tem espaço suficiente para a realização das aulas de Educação Física, pois apresenta entre outros uma quadra e um auditório com cadeiras removíveis deixando o espaço livre quando preciso. O nosso espaço, portanto, para a realização das aulas foi em 90% o auditório devido ao mau tempo. O que em nada prejudicou o cumprimento e desenvolvimento do conteúdo. O espaço foi adequado, porque tinha iluminação suficiente, diferente da quadra externa que tinha apenas um refletor muito alto deixando-a escura para o registro de imagens.

5.3 EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPONENTE CURRICULAR DE INCLUSÃO NO ENSINO NOTURNO

O ensino noturno nesta escola está voltado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), ficando os outros turnos voltados para o ensino infantil e fundamental I e II. Seu público, à noite, é formado de alunos que estão entre 15 e 74 anos de idade ou que tenham condições de estudar. Entre os participantes encontramos pessoas com deficiência, déficit de atenção acentuado, pessoas que tomam remédio controlado, hipertensos etc. Esse é o público que foi contemplado com as aulas de Educação Física.

Quanto ao comportamento dos alunos, há uma disparidade muito acentuada. Os mais jovens são mais rápidos e desejam atividades com maior agitação. Enquanto os adultos mesmo que tragam em seu desejo interior a vontade de dar o máximo de si, muitos já se limitam a não atuar ativamente em certas atividades devido a problemas de saúde, cansaço físico ou relacionado à idade. Mesmo com toda essa dificuldade, não deixaram de participar das aulas ministradas.

Apesar desses fatores negativos tivemos êxito, o que nos dá maior interesse em atuar nesta categoria de ensino educacional brasileiro e levar a outros o conhecimento sobre

diferentes movimentos e situações existentes nas aulas de Educação de Física escolar. Assim sendo, muitos alunos da EJA poderão futuramente vivenciar a cultura corporal de movimento que vem sendo desenvolvida nas últimas décadas nas escolas.

Queremos ressaltar aqui a importância de entender que estamos falando de um público que se encontra no processo de alfabetização, o que contribui para a pouca oralidade nos momentos de desfecho das aulas. Apresenta com isso grande dificuldade de expressar o que vivenciaram, experimentaram. Isso será confirmada nas falas que em seguida serão explicitadas.

Apresentamos os dados dos questionários aplicados à turma de EJA, para entendermos a realidade dos alunos que encontramos na escola.

DADOS DO QUESTIONÁRIO – BLOCO 01

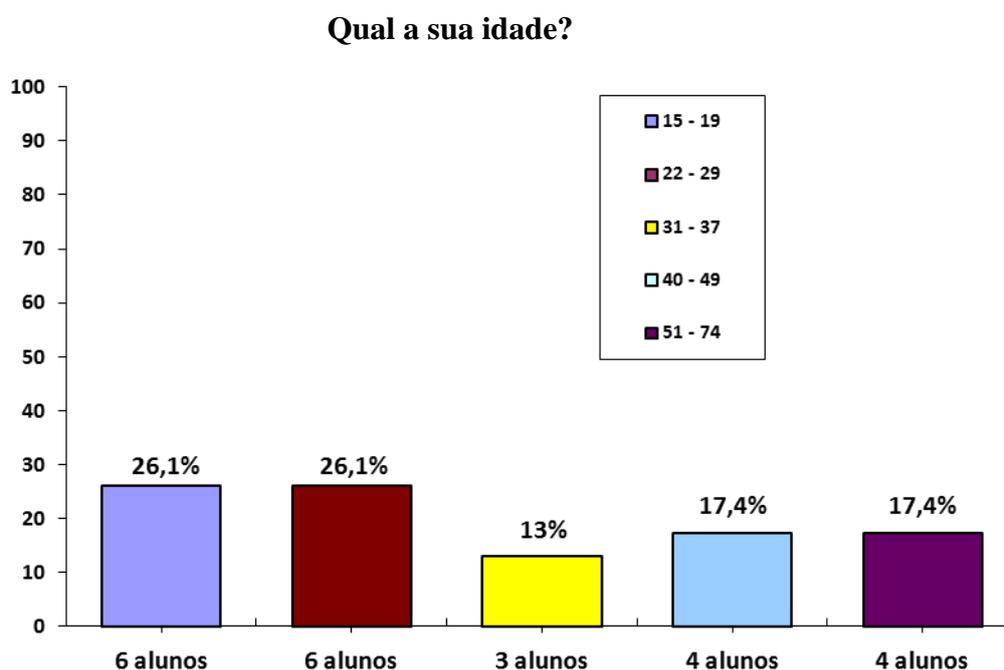


GRÁFICO 1 – Idade dos alunos pesquisados

Foi possível observar a inclusão de alunos de diferentes faixas etárias em uma mesma turma nas aulas de Educação Física. Um total de vinte e três alunos com idade entre quinze e setenta e quatro anos. Mostramos aqui que a idade não interferiu na participação dos alunos.

Que ano está cursando?

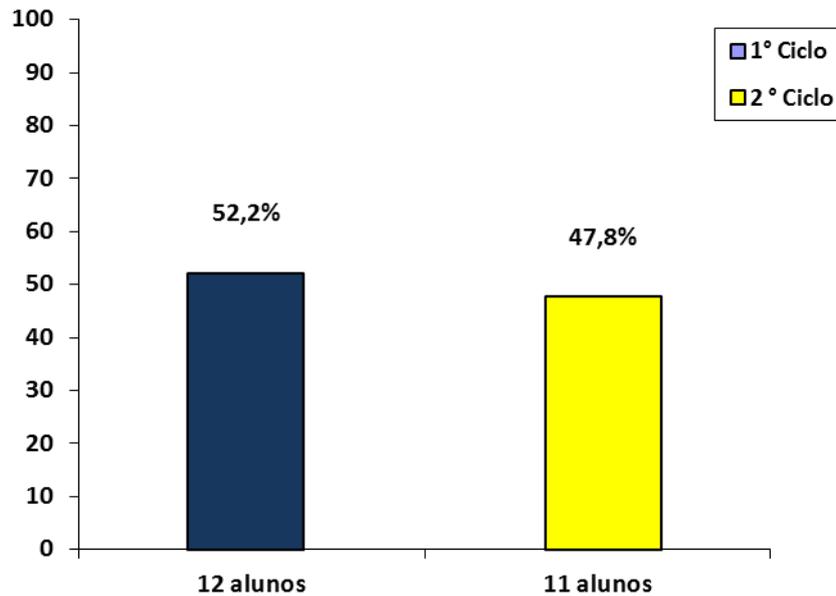


GRÁFICO 2 – Grau de escolaridade dos alunos

Na escola em que foram ministradas as aulas, o currículo se resume a dois ciclos de ensino. Assim, dos participantes envolvidos, num total de vinte três, existe apenas um estudante a mais no primeiro ciclo. Entendemos com isso que a maioria deles se encontra no início da alfabetização. Ficou claro o nível de escolaridade dos alunos. O que prova a pouca oralidade dos mesmos.

Por que estuda à noite?

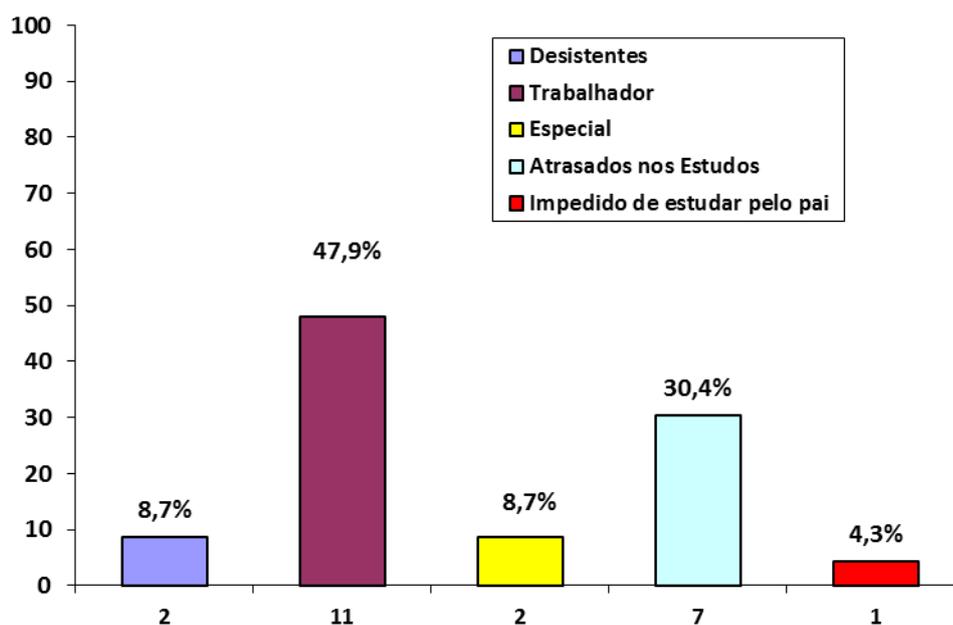


GRÁFICO 3 – Motivos que levaram os alunos à EJA

Concluimos com esses dados que a Educação Física tem espaço no ensino noturno especificamente para a EJA, uma vez que a maioria é trabalhador e não foi encontrado nenhum empecilho em relação à participação nas aulas de Educação Física.

Qual a sua profissão?

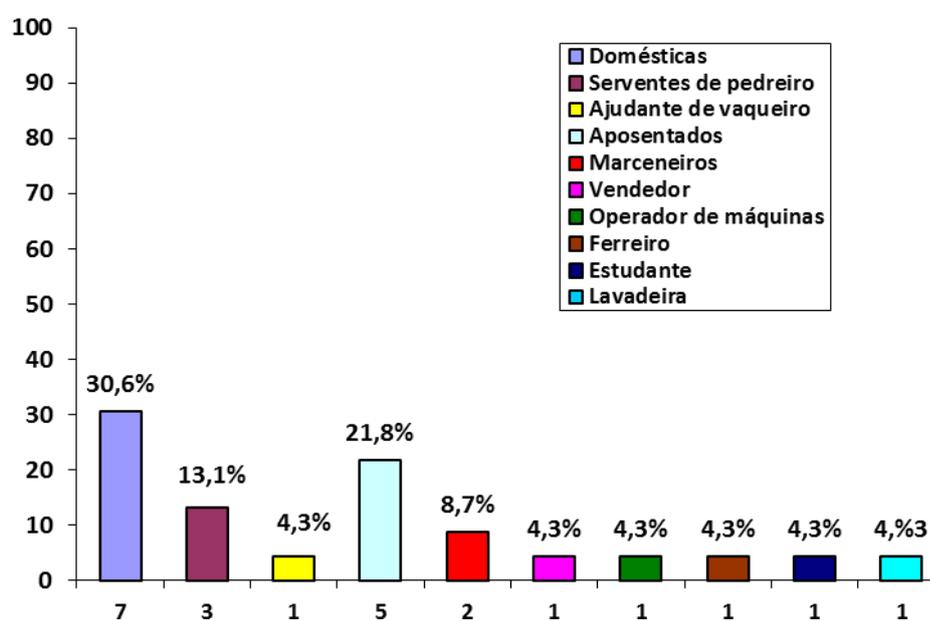


GRÁFICO 4 – Representação profissional dos alunos

O gráfico mostra que a profissão dominante é a de doméstica. Uma vez que a turma escolhida era formada por catorze mulheres e nove homens. Percebemos um grupo com as mais variadas profissões e diferentes experiências e conhecimentos em uma turma de EJA.

Está trabalhando atualmente?

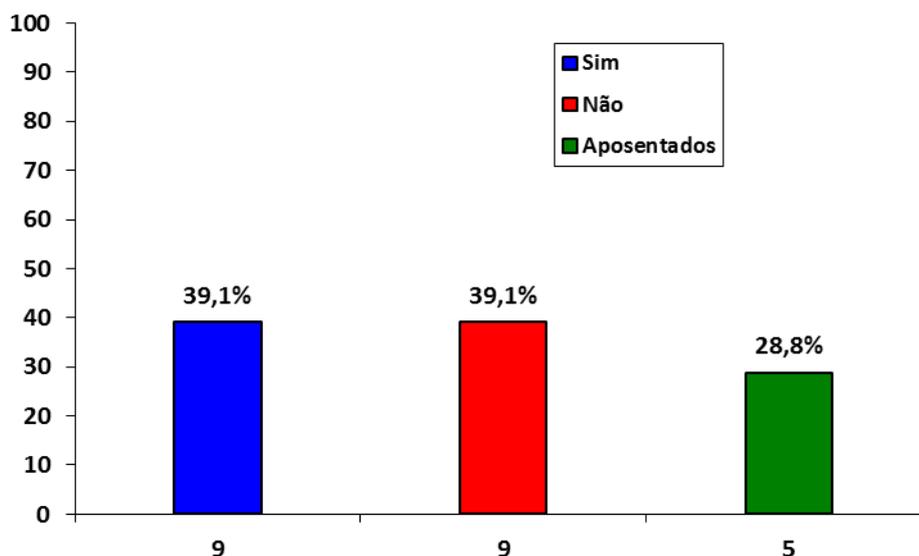


GRÁFICO 5 – Estatística da turma de EJA em relação a emprego

Vemos neste gráfico um empate entre os que estão trabalhando e os que não estão. Porém se formos unir os que não estão trabalhando com os aposentados teríamos um grupo de 67,9% dos alunos. E nos faz refletir sobre a LDB quando em seu documento dispensa os alunos do ensino noturno da participação nas aulas de Educação Física. Isso quer dizer que nem todos que estudam à noite trabalham ou estão trabalhando no momento e podem conseqüentemente participar das aulas sem problema.

Já participou de alguma aula de Educação Física?

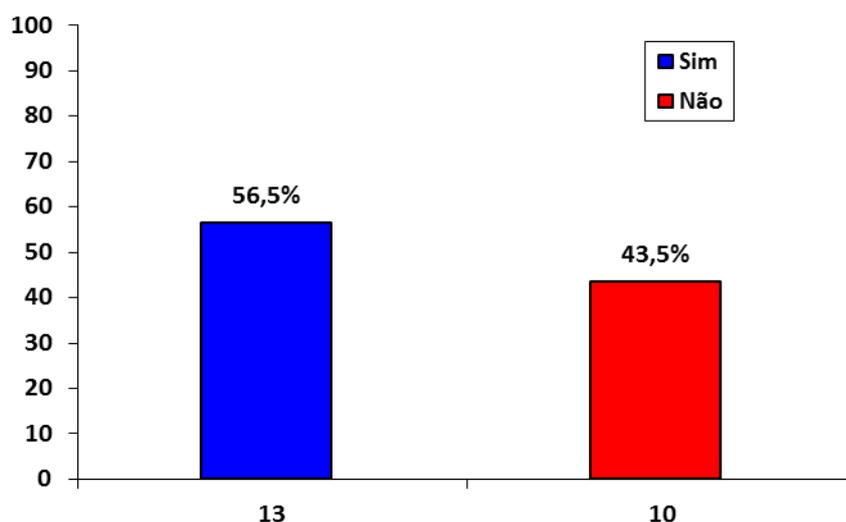


GRÁFICO 6 – Resposta dos alunos em relação à participação em aulas de Educação Física

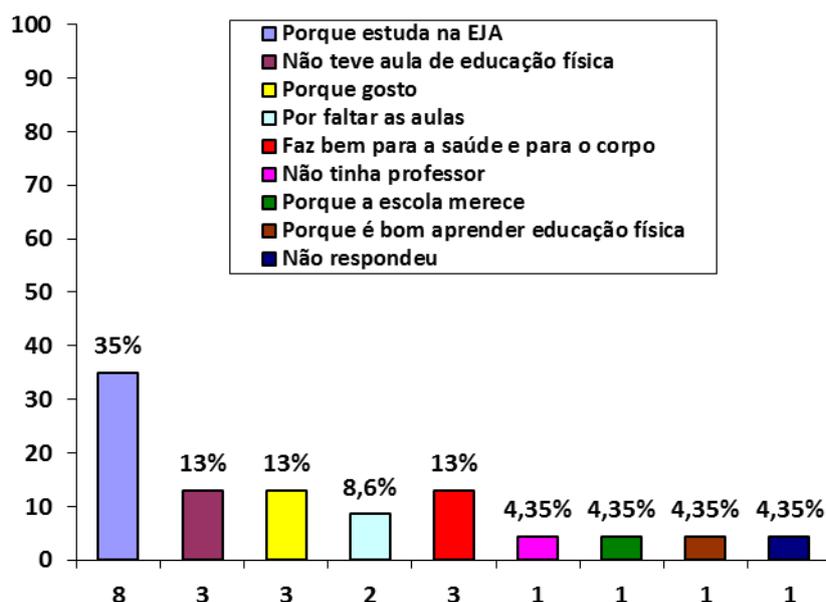


GRÁFICO 7 – Motivos para a participação ou não dos alunos nas aulas de Educação Física

Treze participantes responderam que sim. Por que esta é a única escola da rede municipal que apresenta, uma vez por semana, uma aula de Educação Física no ensino noturno. Destacamos a participação dos homens que mesmo sem o cobrado futebol em seu estilo comum, foi muito positiva. O futebol apresentado nas aulas foi adaptado: Futebol sentado e amarrado.

Qual a importância das aulas de Educação Física para você?

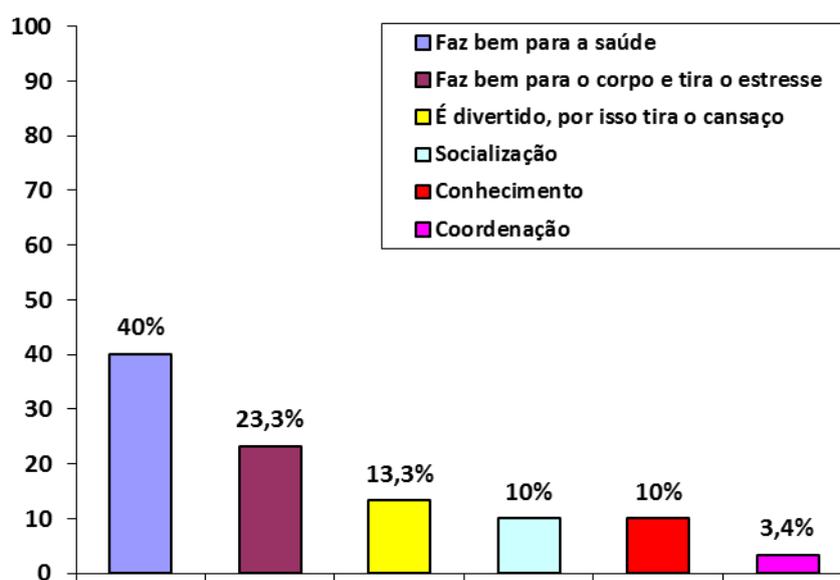


GRÁFICO 8 – Visão representativa dos alunos a respeito das aulas de Educação Física

Dos vinte e três participantes 40% responderam que faz bem para a saúde e 23,3% que faz bem para o corpo e tira o estresse. Em resumo, houve uma grande aceitação dos alunos em relação às aulas propostas por compreender que a atividade física é importante em diferentes aspectos acima citados.

5.4 O JOGO E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Seja para fins lúdicos ou educacionais, o jogo é uma atividade que socializa e constrói a cultura corporal de movimento no meio escolar. Por isso, o jogo foi o conteúdo escolhido para as aulas na EJA. O jogo na escola, como conteúdo de Educação Física, está voltado para todos, visando à inclusão de crianças, jovens e adultos nas aulas.

Para se exercitar não existe idade. Todos devem se render à prática de atividade física para manter um estilo de vida saudável e viver com saúde. Como já comentamos sobre a EJA, que tem seu público em sua maioria trabalhador, queremos deixar claro que o objetivo do jogo na escola não é promover saúde, mas despertar o conhecimento sobre a cultura corporal de movimento e a partir dele proporcionar pela ludicidade o bem-estar do participante, sua socialização e ativar a sua alegria enxergando o ser em sua totalidade.

Os jogos são estudados por quatro áreas do conhecimento humano: antropologia, sociologia, tecnológica e comercial. Das quatro, para escola, a antropologia e a sociologia têm maior interesse porque estudam os significados e contextos dos jogos; os efeitos que os jogos, competitivos ou comparativos podem causar aos participantes, seu comportamento, sua forma de aprendizado etc. Tudo isso contribui para o melhoramento das aulas de Educação Física porque dá suporte para podermos ampliar o grau de conhecimento nosso e dos alunos. (BARATA, s/d).

Os jogos ministrados na escola levam em conta a idade dos alunos, isso porque é de acordo com a idade que a maturação do indivíduo alcança o seu grau de suficiência para executar tais atividades. Assim, para cada grupo, os jogos serão explanados e refletidos de acordo com a cognição e necessidades apresentadas. Os jogos foram escolhidos visando a atender o público alvo, inclusive muitos jogos de caráter lúdico eram tão simples que até duvidamos se daria certo. Mas o que esperávamos em muitos momentos superou nossas expectativas. Os mais complexos foram deixados para as últimas aulas, a fim de que aumentássemos o grau de dificuldade com o passar das aulas. Este comentário se dá pelo fato de saber que os jogos são atividades que podem ser estruturadas ou semi-estruturadas.

Queremos dizer com isso que as regras podem ser fixas, adaptadas ou construídas em grupo com a participação de todos, o que é uma das características dos jogos na escola. Em nosso caso os jogos já foram todos conduzidos com regras adaptadas ou não pela professora, o que facilitou a sua aceitação pelos alunos. Através do jogo muitas habilidades adormecidas foram trazidas à tona, fazendo com que os alunos experimentassem outros movimentos, se socializassem e descobrissem o que a Educação Física lhes pode proporcionar. Podemos dizer que o jogo pela Educação Física apresentado envolveu tanto o jovem como o adulto em uma mesma turma.

Quanto às modalidades de jogos, foram escolhidos os jogos competitivos e cooperativos, já que na EJA os participantes têm opiniões próprias e desejo que sua equipe vença e foi acostumado no meio social que se deve lutar pela sobrevivência neste mundo de competições, onde quem vence é o melhor. Infelizmente observamos o pouco empenho dos professores de Educação Física em relação aos jogos cooperativos, a sua opção junto aos alunos é, muitas vezes, pelos jogos competitivos (CORREIA, 2004).

Os jogos competitivos, como o próprio nome diz, incitam a competição entre os participantes. Não que seja proibido ministrá-los na escola, mas o jogo competitivo tem um atrativo a mais que é o desejo de vencer e isso dá uma maior motivação ao aluno. Enquanto que nos jogos cooperativos, que são aqueles que todos vencem e ninguém perde, todos se ajudam, colaboram com os outros, muitas vezes falta esse tempero, que é a sede de vencer. Agora em termos de aprendizado tem a sua significância em alta.

[...] Isto é, através da Educação Física e dos jogos cooperativos, é possível experimentar situações ímpares que mobilizam aspectos afetivos, sociais e éticos e que, bem acolhidos, podem impulsionar transformações (BARATA, s/d, p. 5).

Esses dois tipos de jogos têm a sua importância no meio escolar, cabendo ao professor de Educação Física ministrá-los da melhor maneira, através de aulas bem elaboradas, para que seus objetivos sejam alcançados e todos saiam ganhando no aprendizado. Valendo-se de sua importância, o professor de Educação Física como interventor na EJA buscará ministrar jogos que contemplem ambos os modelos para que haja estímulos diferentes e incluam todos em suas aulas, e assim perceba a ação do jogo como conteúdo de Educação Física no aprendizado do aluno e o que ele pode produzir.

Quanto aos recursos materiais utilizados para as aulas com jogo na escola são muitos, desde tabuleiros a computadores. Mas, não utilizamos esses materiais citados e sim bolas, cordas, arcos, bexigas, fitas de TNT, garrafas pet, entre outros, que tem a sua utilidade necessária para tal aplicabilidade nos jogos. A utilização desses materiais provou que o jogo é um conteúdo acessível e de fácil desenvolvimento com materiais diversos, até recicláveis.

5.5 SISTEMATIZAÇÃO PARA ANÁLISE DOS DADOS

Ao longo do período de pesquisa reunimos o seguinte material:

- 08 Planos de Aula voltados para o conteúdo jogo, contendo cada um dois jogos, sendo um competitivo e outro cooperativo;
- 08 Diários de Campo, que foram escritos após o término de cada aula; neles foram apresentadas as observações feitas durante as aulas;
- Filmagem das aulas e fotografia dos alunos.

Todas as aulas foram ministradas em uma turma de EJA numa Escola Municipal de Campina Grande - PB.

Para melhor entendimento da análise dos dados foi utilizado um processo de análise de Escobar (1997 *apud* BRASILEIRO, 2001) que classifica os acontecimentos segundo as ocorrências expressas nas aulas, subdividindo-as em: episódios e ações de rotina.

OCORRÊNCIAS:

Citamos aqui as ocorrências com subdivisão em ações de rotina e episódios mais frequentes nas aulas de Educação Física realizadas na intervenção em uma turma de EJA. De início contabilizamos dez ações de rotina e nove episódios.

AÇÕES DE ROTINA:

- Planejamento revisado e explicado a cada dia;
- Facilidade com os recursos materiais;
- Repetição de explicações das atividades;
- Brincadeiras paralelas de alguns alunos atrapalhando as aulas;
- Participação intensa dos alunos;
- Inclusão de pessoas com deficiência e déficit de atenção;

- Motivação;
- Facilidade do trabalho em equipe;
- Dificuldade oral para expressar o que vivenciaram;
- Diálogo final após cada aula encerrada;

EPISÓDIOS:

- Atraso no cronograma de aula;
- Uma aula não atingiu o objetivo;
- Dificuldade de se expor diante do grupo;
- Intervenção do professor efetivo;
- Divisão de gênero quis se sobressair;
- Acréscimo no horário da aula;
- Reclamação sobre a pouca quantidade de dias de Educação Física;
- Saída de alguns alunos, acima de 49 anos de idade, da aula nos jogos mais agitados;
- Interesse dos alunos que não iniciaram a aula.

Após a exposição das ocorrências, iniciamos a sistematização dos itens mais relevantes para nosso estudo, isso não quer dizer que descartamos os demais, apenas fundimos e retiramos a essência da ideia principal para explanação. Contabilizamos então: sete ações de rotina e oito episódios a seguir.

OCORRÊNCIAS:

AÇÕES DE ROTINA:

- Planejamento revisado, explicado e re-explicado a cada dia;
- Facilidade com os recursos materiais;
- Participação intensa dos alunos;
- Presença de brincadeiras paralelas de alguns alunos atrapalhando as aulas;
- Facilidade de envolvimento diante dos trabalhos em equipe;
- Diálogo final após cada aula encerrada;
- Presença de dificuldade oral para expressar as vivências experimentadas pelos alunos;

EPISÓDIOS:

- Atraso no cronograma de aula;
- Uma aula não atingiu o objetivo;
- Intervenção do professor efetivo.
- Dificuldade de se expor diante do grupo;
- Divisão de gênero quis se sobressair;
- Acréscimo no horário da aula;
- Reclamação sobre a pouca quantidade de dias de Educação Física;
- Saída de alguns alunos, acima de 49 anos, da aula nos jogos mais agitados;

Planejamento revisado, explicado e re-explicado a cada dia

Como de costume sempre revisamos todas as aulas antes de sair de casa, principalmente, porque precisávamos levar o material que seria utilizado na aula. Ao chegar à escola, organizávamos o material no espaço que iríamos ministrar a aula e fazíamos uma revisão mais interrogativa sobre o conteúdo que estava para ser ministrado. A partir da segunda aula é que fomos observando se Educação Física tinha ou não a possibilidade de fazer parte do currículo da EJA.

Antes de iniciarmos qualquer atividade era exposta a explicação como se daria. Começávamos para sentir a reação dos alunos. Em muitos momentos, em quase todas as aulas, foi re-explicado o jogo, fazendo com que a aula fosse parada. Reiniciávamos e dava certo. Por isso, foi observado que na EJA há muitas pessoas desatentas e com lento grau de raciocínio. Ficamos felizes pela evolução de algumas pessoas durante as últimas aulas que ao iniciar o jogo tinha a coragem de dizer que não entendeu a explicação:

“Professora dava pra senhora explicar de novo que eu não entendi!” (Aluna 03).

“Como? Como é professora?” (Aluno 04).

Pois sempre perguntavam se tinham entendido a explicação e muitos ficavam calados. Decidimos, portanto, fazer um ensaio do jogo antes de dar o sinal que estava valendo. Isso foi positivo porque deu ao aluno a oportunidade de experimentar para poder entender de que se tratava a atividade.

Facilidade com os recursos materiais

Desde que decidimos pesquisar sobre a EJA, nos vinha em mente a ideia de que muitos alunos não vivenciaram a Educação Física escolar em sua fase de infância e juventude. Isso nos permitiu optar pelo jogo como conteúdo fazendo com que, ao participar das atividades, eles pudessem interagir com maior facilidade e, conseqüentemente, sentissem bem-estar, descontração e socialização entre eles.

A partir da escolha dos jogos, os materiais iam surgindo em mente. Isso porque alguns jogos foram criados ou adaptados, permitindo uma variação na construção do material. Utilizamos materiais alternativos, fazendo com que os custos fossem reduzidos. Antes de iniciarmos as aulas propriamente ditas, todos os materiais já estavam prontos.

Não foi encontrada nenhuma dificuldade em juntar o material utilizado nas aulas. Todos foram conseguidos com recursos próprios, ficando apenas as cadeiras de plástico e o som por conta da escola que nos cedeu sem nenhum empecilho. O interessante é que sempre ao chegar os alunos perguntavam sobre o que seria a aula ou indagavam sobre o material que levávamos:

“O que vamos fazer hoje? O que é a aula hein professora? Pensei que a senhora não vinha!” (Aluna 01).

“E esses bambolê se for pra rodar na cintura eu não vou participar da aula não!” (Aluno 04).

“É, hoje a senhora libera a bola?” (Aluno 02).

Essa conversa acontecia quando entrava na escola e muitos ficavam ao redor com perguntas e afirmações duvidosas. Isto foi ponto positivo, porque demonstrou o interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física. E nos fez compreender que mesmo que os alunos sejam trabalhadores, eles desejam participar das atividades. Também que no ensino noturno existem alunos não trabalhadores que precisam da prática de atividade física escolar. No geral, se a lei desobriga ao aluno da prática da educação física, a necessidade de movimento os obriga.

Participação intensa dos alunos

Os jogos foram bastante atrativos para os alunos. Disso não temos dúvidas. Como já comentamos em outro momento, estamos falando de uma turma de pensamentos e comportamentos distintos, distantes na idade e integrados a uma mesma turma. Isso não foi

empecilho para a participação ativa dos alunos. Eles participaram de jogos simples que já foram ministrados para crianças (jogo do limão e da laranja) e, no entanto, se envolveram nas atividades de forma satisfatória.

Um número de treze alunos foi fiel às aulas, mesmo que distanciadas umas das outras devido ao inverno deste ano. Enquanto uns poucos falhavam na frequência. Isto prova que a Educação Física está avançando no sentido de alcançar mais um público e envolvê-lo a com cultura corporal de movimento no meio escolar.

Presença de brincadeiras paralelas de alguns alunos atrapalhando as aulas

Foi percebido que dois alunos sempre perturbavam as aulas, tendo como foco o mesmo aluno, isso porque o perseguido apresentava características de alterações psicológicas e os demais queriam exigir que ele tivesse o mesmo grau de habilidade que eles. Foi quando várias vezes chamamos a atenção dos perturbadores. A ponto de a situação ser conduzida à direção da escola. Alguns alunos chegaram a pedir que eles não participassem mais das aulas:

“Professora, não deixe esses meninos participarem mais das aulas. Expulse esses meninos. Eles só atrapalham!” (Aluna 05).

“Se você não parar eu vou chamar a diretora viu fulano!” (Aluna 06).

Passamos a falar mais sério com eles dizendo que não permitiríamos bagunça em nossas aulas e se não houvesse mudança por parte deles, estaríamos disposta a pedir que se retirassem. Então nos pediram desculpas e continuaram a aula. Concluída a aula, na saída, ainda reforçamos a chamada de atenção, fazendo com que respeitassem o colega e as aulas de Educação Física que estávamos ministrando.

Tais brincadeiras aconteciam com frequência, mas não com o enfoque anterior e sim por serem mais jovens e ágeis no meio de um grupo de pessoas de mais idade. Logo que chamávamos a atenção, paravam. Apesar de demonstrarem esse comportamento, toda turma foi bem participativa durante as aulas.

A participação efetiva de todos contribuiu para a desenvoltura e compreensão das atividades ministradas, bem como a educação em saber esperar, ouvir, respeitar, agir, tirar dúvidas sobre assuntos presentes no mundo do trabalho que os inquietam no dia a dia. Por exemplo: a Educação Física emagrece? Ela se referia às aulas que iríamos ministrar.

Facilidade de envolvimento diante dos trabalhos em equipe

Nosso conteúdo escolhido foi o jogo. O que nos deu liberdade de variar as atividades. Por isso, muitos jogos para ser realizados precisavam de duplas, trios e equipes. Pensamos que eles teriam mais dificuldade, mas percebemos que a dificuldade maior era entender o que deveria ser executado e não o trabalho de equipe em si. Em atividades que foram realizadas alguns alunos disseram:

“Não fiz nenhum gol, mas passei três bolas para minha equipe fazer!” (Aluno 04).

“Passa a bola, passa a bola, ó meu Deus do céu, ó povo devagar!” (Aluno 02).

“Não, a gente nunca vai conseguir passar a laranja para todo grupo!” (Aluna 07).

Essas falas demonstram o trabalho realizado em equipe durante as aulas. O envolvimento foi tão intenso nas atividades que eles se sentiam maravilhados e se divertiam muito incentivando a participação uns dos outros gerando motivação o tempo todo.

“Vai galega, vai galega, vai te embora” (Aluno 02) (atividade: corrida do limão).

“Valeu! Valeu! Na próxima você acerta!” (Aluno 02) (jogo de boliche).

Diálogo final após cada aula encerrada

Estivemos diante de uma turma que está sendo alfabetizada. Por esse motivo muitos são inibidos diante dos diálogos no final das aulas. Poucos conseguem dizer realmente o que aprenderam após o término das aulas que participaram. Mesmo a experiência de vida não foi suficiente para fazer uma relação com o que foi vivenciado.

A estratégia foi enchê-los de perguntas para que o diálogo surgisse e eles pudessem ir além do que tinham entendimento. Com isso conseguimos extrair respostas deles:

“Aprendi a trabalhar em grupo e esperar minha vez” (Aluno 08).

“Educação Física faz bem para a saúde, eu chego em casa e durmo tão bem!”
(Aluna 09).

“É bom fazer física porque a gente se diverte, esquece dos problemas e tira o cansaço do dia!” (Aluna 10).

“Hoje eu até suei! Ai como foi bom!” (Aluna 07).

Presença de dificuldade oral para expressar as vivências experimentadas

Perguntávamos sempre, após cada aula, quais foram as dificuldades encontradas na realização das atividades. Este diálogo servia para que os alunos expressassem aquilo que eles absorveram como aprendizado naquela aula. Também para podermos construir ou formular o Diário de Campo, que é um dos instrumentos dessa pesquisa. Alguns alunos se expressaram da seguinte forma:

“Eu tive dificuldade em equilibrar o livro e dançar ao mesmo tempo. Toda vez ele caía!” (Aluno 11).

“Professora eu achei muito ruim jogar amarrado no outro, porque eu precisava puxar fulana o tempo todo e tinha medo de cair!” (Aluna 03).

“Quando dois conseguia passar a laranja o outro derrubava, quase a gente não conseguia, mas nós deu um jeitinho e conseguiu!” (Aluna 09).

EPISÓDIOS

Atraso no cronograma de aula

Todas as aulas foram planejadas e marcadas para iniciar no dia 26/04/11 e encerrar no dia 19/05/11, mas devido às chuvas de inverno não conseguimos concluir no dia previsto. Houve semana que passamos os dois dias sem dar aula e na semana seguinte um dia. A escola ficava alagada, mesmo sendo na zona urbana da cidade. Era tanta chuva que não tinha aula. Apesar desta dificuldade, não desistimos de ministrar as aulas. Enfim, concluímos as atividades no dia 07/06/11.

O que estava previsto para um mês de aula passou para um mês e meio. Sempre que encontrava os alunos eles perguntavam se ia ter aula e lhes respondia que estava dependendo do tempo. Por esse motivo, utilizamos o auditório na maior parte das aulas.

Uma aula não atingiu o objetivo

Na escola em que foram ministradas as aulas, há uma aula de Educação Física uma vez por semana, na quinta-feira, com um professor efetivo. A Educação Física escolar já se encontra presente para essa turma em termos de alongamentos, recreação e apresentação de filmes ou vídeos. O jogo pela Educação Física foi um conteúdo inovador para os alunos. Na primeira aula ministrada, após explanação do que seria o jogo na Educação Física, e suas subdivisões, os alunos mostraram grande confusão no momento da aula, fato que fez refletir

sobre como mencionar as palavras e fazê-los entender o significado da atuação dentro da atividade.

Foi realizada uma atividade com bexigas, para que duas etapas fossem realizadas, primeiro: estourar a bola sentando numa cadeira a certa distância do grupo; segundo: voltar para realizar a atividade proposta que estava dentro da bexiga. Houve tumulto, brincadeiras paralelas, euforia, agitação e todos queriam estourar as bolas ao mesmo tempo sem realizar o que deveria ser feito. A atividade era ótima, mas parece que foi muito complexa e cheia de informações, por isso, não houve sucesso no aprendizado e desenvolvimento da atividade.

Bom que tenha acontecido logo na primeira aula para que fosse feita uma avaliação das demais que ainda seriam ministradas. Também foi uma bela maneira de conhecer o grupo pelo seu comportamento dentro da aula, e com isso se preparar para enfrentar situações-surpresa noutros momentos.

“Vai, vai é a tua vez de estourar a bola! Corre!” (Aluno 11).

Outra dificuldade é que eles ainda não sabiam ler frases completas e precisavam constantemente da nossa ajuda. Enquanto estava num grupo o outro chamava. Só deu tempo para perceber qual dos grupos tinha realizado mais atividades que estavam dentro das bolas escritas em papel. Engana-se quem pensar que dar aula para jovens e adultos é fácil!

Intervenção do professor efetivo

Era a terceira aula. Como de costume chegávamos sempre mais cedo para organizar o ambiente e fazer a revisão da aula. Neste dia, o professor efetivo chegou e entregou uma bola para os rapazes jogar futebol, enquanto as mulheres estavam fazendo alongamento. Ele sempre costuma ministra a sua aula antes das atividades de sala. Só que tínhamos combinado que assumiríamos até o término das oito aulas. No meio de sua aula ele nos entregou a turma. Logo no dia em que a orientadora ficou de assistir a aula nos sentimos atrapalhada. O ambiente escolhido não era aquele (quadra) e sim o auditório. Não pudemos mais tirar os rapazes do apego ao futebol. Então tivemos que ministrar a aula lá mesmo.

Ao concluir a aula, estávamos sem chão e triste com o ocorrido. Nem as filmagens prestaram devido ao escuro da quadra, consideramos a aula perdida neste sentido. A parte boa é que os alunos se envolveram assim mesmo e participaram da aula. Que bom que isso só

aconteceu uma vez. Ufa! Não existe nada mais desagradável, quando preparamos uma aula, imaginamos o ambiente e sua execução, e de repente somos interrompidos, nada dá certo!

Divisão de gênero quis se sobressair

Existem vários tipos de jogos e muitos deles são jogados sozinhos. Mas em nossa intervenção buscamos trabalhar sempre em duplas, trios e equipes para maior socialização dos alunos. Também por se tratar de jogos competitivos e cooperativos no meio escolar. Para realização das atividades foi dada total liberdade de escolha dos grupos, então eles se organizavam entre si. Nestas divisões escutamos:

“Os homens aqui e as mulheres ali no outro grupo!” (Aluno 02).

Intervimos, dizendo que seria bom que todos trabalhassem juntos, que daria certo. Sem nenhuma resistência eles aceitaram. Então a aula aconteceu sem discordância entre os gêneros. Essa atitude dos alunos a respeito de divisão por sexo é um comportamento antigo dentro das aulas de Educação Física, mas vem sendo aos poucos combatida pelos profissionais da área.

Acréscimo no horário da aula

Quando fomos visitar a escola para levar a proposta das aulas de Educação Física para os alunos da EJA, combinamos um horário de aula com a direção e os professores de sala. Ficou acertado que daria aula de 20h30min às 21h00min. Tendo esse consentimento da escola, as aulas foram preparadas para preencher o tempo disponível.

Algumas atividades já tinham sido ministradas em outras aulas dentro do tempo certo. Só que na aula em que fizemos o basquete adaptado, os alunos pediam com insistência que os deixassem jogar mais um pouco.

*“Professora, professora, deixe a gente jogar só mais um pouquinho, por favor!”
(Aluno 04).*

“Tá tão bom professora! Deixe a gente jogar mais” (Aluna 01).

Permitimos que eles jogassem mais um pouco para matar a vontade e finalizamos com uma sessão de alongamentos e exercícios respiratórios (volta à calma) por existir nesta turma

peessoas hipertensas, acima do peso que se mostravam ofegantes, além de idosas. Depois dialogamos a respeito do aprendizado e concluímos com sucesso a aula.

Reclamação sobre a pouca quantidade de aulas de Educação Física por semana

Até 2002, as aulas de Educação Física eram facultativas para o ensino noturno. Em 2003, foi criada uma nova lei contrária a essa, permitindo assim que o aluno do ensino noturno tenha acesso às aulas de Educação Física. A escola, portanto tem que oferecer as aulas. Na escola em que foram ministradas as aulas, já apresentava em seu currículo escolar uma aula de Educação Física uma vez por semana.

Ocupamos com nossas aulas esse dia (quinta-feira) e mais um da semana (terça-feira). Em uma das nossas intervenções, os alunos comentaram sobre a pouca quantidade de aula de Educação Física; que deveria ter aula em outros dias da semana, por que segundo eles fazia muito bem para tirar o estresse e o cansaço do dia.

“Ó professora fique dando aula a gente” (Aluna 01).

“A gente só tem aula uma vez na semana, não! É muito pouco!” (Aluna 09).

Saídas de alguns alunos, acima de 49 anos, da aula nos jogos mais agitados

Os jogos ministrados foram de caráter lúdico e tiveram a intenção de atingir os dois públicos (jovens e adultos). Os mais jovens não reclamaram dos jogos mais tranquilos. Enquanto as pessoas de quarenta e nove anos acima reclamaram dos mais agitados, não em fala, mas com a saída do jogo. Vejo isso como natural, pois cada um sabe sua capacidade e deve respeitá-la.

Mesmo se afastando um pouco do jogo que iniciaram, os alunos não saíam do ambiente até o final da aula e ficavam agitando e motivando os demais participantes. Quando perguntamos o porquê de sua saída, elas responderam:

“Eu não aguentei correr mais!” (Aluna 06).

“Tô cansada do dia de trabalho!” (Aluna 10).

“Saí para não ficar cansada pra amanhã, vou trabalhar cedo!” (Aluna 01).

“Parei por causa da pressão!” (Aluna 06).

“Saí porque os meninos estão muito agitados!” (Aluna 05).

Interesse dos alunos que não iniciaram a aula

Alguns alunos que estavam observando a primeira atividade e não quiseram entrar na aula, quando passamos para a segunda atividade, sentiram o desejo de participar. Foi permitido para que eles também vivenciassem a Educação Física através do jogo. Esta oportunidade dada gerou a participação em outras aulas, permitindo assim ao aluno inclusão e socialização com os demais participantes.

A seguir, apresentamos outra parte dos dados dos questionários aplicados à turma de EJA. Agora relacionados à Educação Física no meio escolar com foco na EJA.

DADOS DO QUESTIONÁRIO – BLOCO 02

Você acha que a Educação Física deveria existir no ensino noturno?

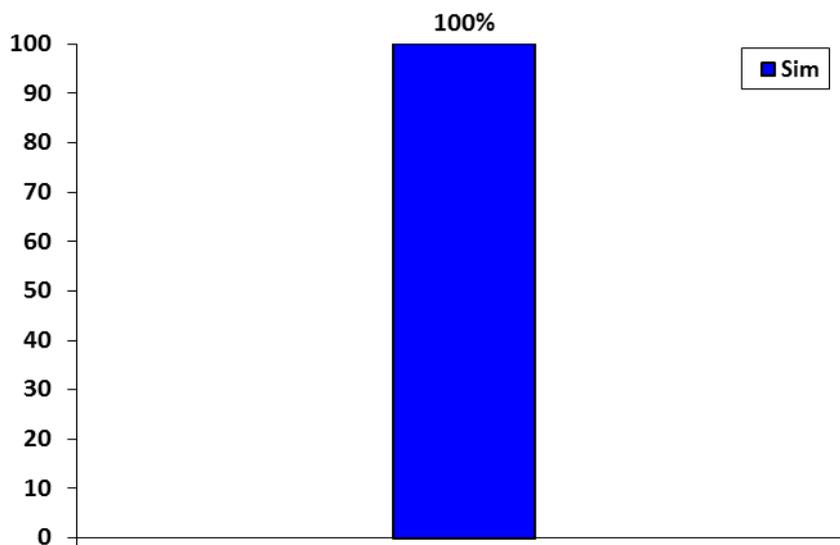


GRÁFICO 9 – Aceitação da Educação Física pelos alunos da EJA

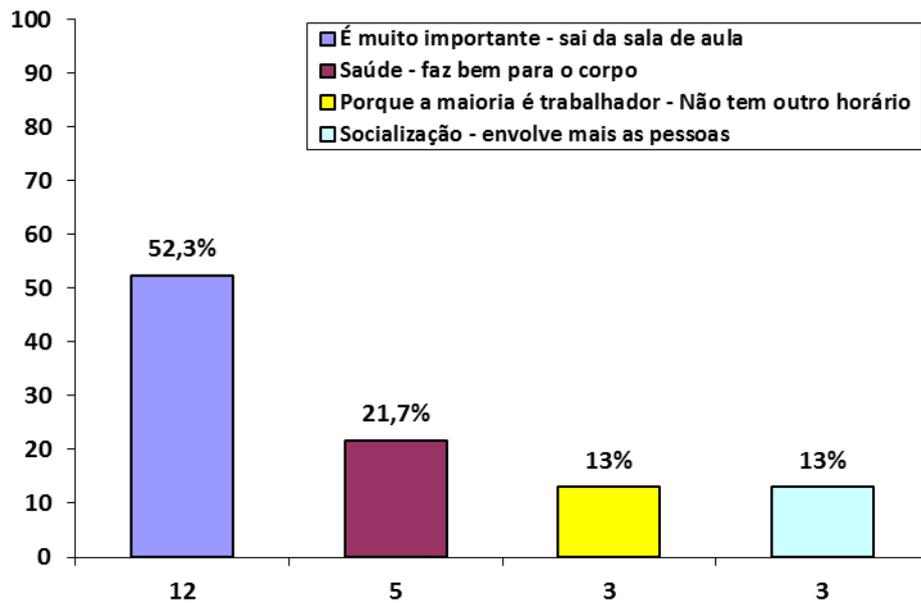


GRÁFICO 10 – Conhecimento dos alunos em relação às aulas de Educação Física

Essa resposta de 100% representa o grau de aceitação da turma e a necessidade que haja uma Educação Física comprometida com a EJA no meio escolar. No segundo gráfico que responde o porquê, percebemos a socialização em último lugar, mas podemos assegurar que houve uma ligação extraordinária entre os alunos.

Poderia indicar uma (as) atividade que mais gostou ou que te proporcionou bem-estar nesta experiência desenvolvida na escola?

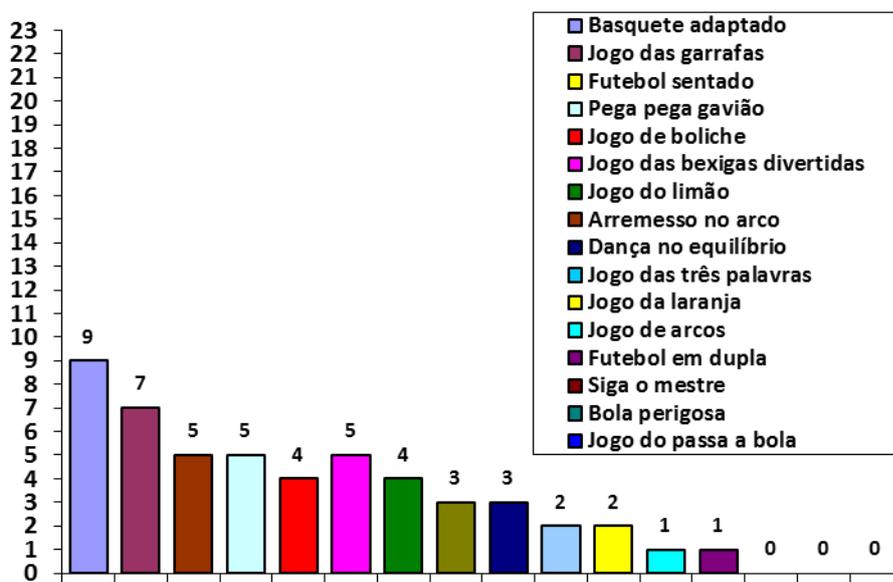


GRÁFICO 11 – Aceitação dos jogos pelos alunos da EJA

Quanto às dezesseis atividades propostas, percebemos a participação intensa dos alunos no jogo do Basquete Adaptado e entendemos com isso que pelo nível do gráfico mais da metade das atividades foram bem aceitas e envolventes deixando nos alunos o desejo que a Educação Física faça parte do seu currículo escolar.

Com você vê a Educação Física após essas aulas? Ela acrescentou algum conhecimento?

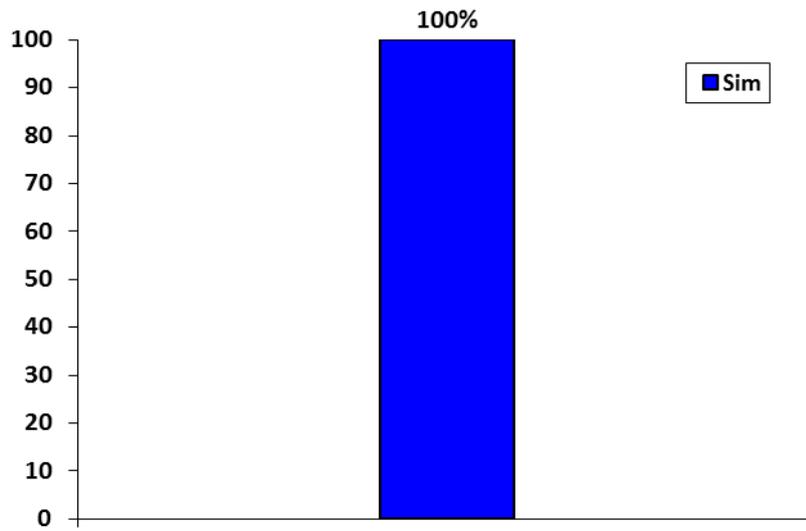


GRÁFICO 12 – A Educação Física construindo o conhecimento na EJA

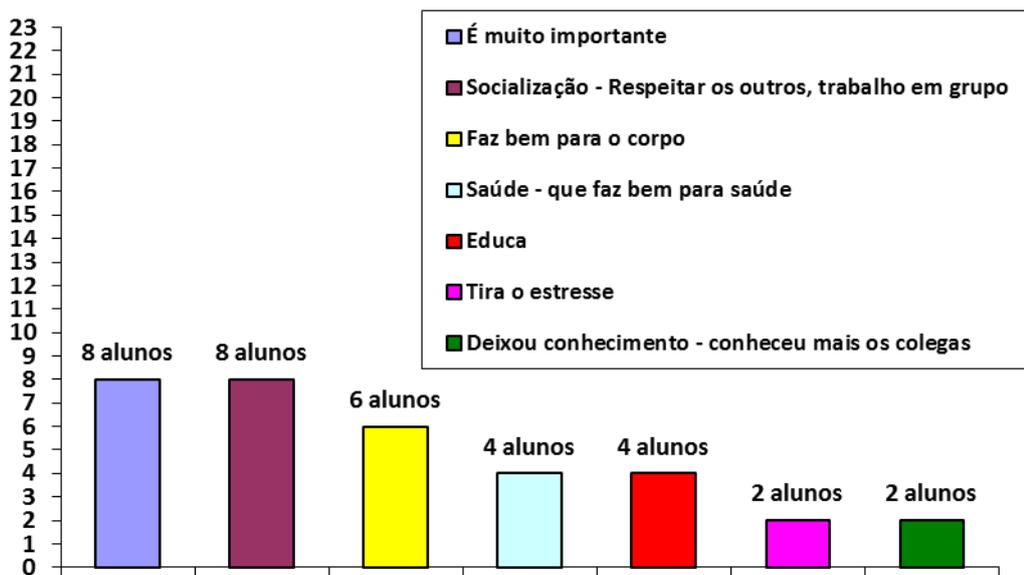


GRÁFICO 13 – A Educação Física na formação do cidadão

Mais uma vez, 100% dos alunos responderam que sim, deixando claro que a Educação Física no meio escolar pode levar ao desenvolvimento integral do aluno, seja ele do ensino infantil, fundamental, médio ou EJA. E confirma a importância desse componente curricular e a socialização que ele pode introduzir na escola entre os alunos, gerando conhecimento e novas atitudes para a vida em sociedade.

5.6 ENTREVISTAS – QUADRO COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nosso campo-amostra foi formado por uma turma de alfabetização de jovens e adultos e dois professores de Educação Física da Escola Municipal Félix Araújo. Aqui apresentamos as respostas dos professores utilizando um quadro comparativo com o que foi refletido sobre o trabalho ministrado na EJA na escola a que nos referimos e sua opinião sobre as possibilidades de o componente curricular Educação Física fazer parte do Programa de Jovens e Adultos.

QUADRO COMPARATIVO DE RESPOSTAS		
ENTREVISTA Nº 1		ENTREVISTA Nº 2
	RESPOSTAS	RESPOSTA
01	Licenciatura em Educação Física	Educação Física e Biologia
02	UEPB	UEPB
03	04 anos	14 anos
04	Fundamental I, Fundamental II e EJA	Ensino Infantil e Fundamental I
05	Turnos: tarde e noite	Turno: manhã
06	Sim, está em exercício.	Não. Tem outras atividades.
07	Não. É preciso que haja interação entre os alunos para que uns auxiliem na educação do outros.	Não. É importante para que as experiências sejam compartilhadas.
08	Sim. Porque facilita o processo de aprendizagem.	Sim. Porque todos conquistariam um espaço, a partir das vivências das diferentes práticas da cultura corporal.
09	Todos são importantes. Mas o esporte não é bem vindo, devido à complexidade de regras e habilidades exigidas.	Temas transversais a partir dos conteúdos existentes ligados à saúde, cidadania entre outros.
10	Sim. Devem ser proporcionadas aulas diferentes da sala de aula, estimulando com isso o aprendizado do aluno. _ Uma metodologia comum não funciona.	Sim. Os conteúdos devem ser os mesmos, mas devem ser direcionados para diferentes áreas e sentidos diversos.

Quadro 01 – Resposta dos profissionais em relação à Educação Física ministrada para a EJA

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino oferecida na escola Félix Araújo, na cidade de Campina Grande na Paraíba. Segundo pesquisa realizada com esse estudo, ela é a única escola municipal que oferece Educação Física para a EJA. O que foi demonstrado com a resposta do Entrevistado N° 1.

Na escola, cuja intervenção foi realizada se encontram em exercício dois profissionais de Educação Física. Sendo um atuante no ensino diurno, manhã (Entrevistado N° 2), enquanto o outro (Entrevistado N°1) nos outros dois turnos, onde incluímos a EJA como área de atuação. Mesmo que o Entrevistado N° 2 não atue no ensino noturno devido ao seu total preenchimento de carga horária, ele concorda com o Entrevistado N° 1 de que é preciso uma metodologia voltada para o grupo em jogo, e que a união das faixas etárias só tem a contribuir com o aprendizado dos alunos.

Em relação aos conteúdos, eles discordam quando o Entrevistado N° 1 diz que o esporte não é bem empregado na EJA devido a sua complexidade de regras e exigências das habilidades. Quanto ao Entrevistado N° 2, ele não exclui nenhum conteúdo desde que ele seja utilizado dentro das exigências do grupo, estimulando a descoberta de diferentes temas necessários à vida social. Como último ponto de vista eles concordam em diferenciar as aulas para que os alunos se envolvam mais e aprendam com maior facilidade as atividades propostas.

Comparado com os resultados obtidos com as aulas ministradas para a turma de EJA entre abril e junho na escola em questão, concordamos que devemos respeitar as limitações dos alunos e permitir que, de forma prazerosa, a Educação Física deva ser apresentada. Entendemos, ainda, que com a junção das diferentes faixas etárias, que apesar de apresentar dificuldades diversas, vão aprender juntos compartilhando suas experiências de vida. Bem como com a gama de variação de atividades com vídeos, jogos, entre outras sugeridas pelos entrevistados. A dinâmica da aula deve levar o aluno ao seu desenvolvimento pleno.

Apenas discordamos do Entrevistado N°1 quando diz da não utilização do esporte em sua intervenção diária com a turma de EJA. Porque o esporte é um conteúdo que pode e deve ser adaptado no meio escolar, principalmente para essa modalidade de ensino, pela sua variação de faixas etárias. O esporte, “recriado”, pode surtir um efeito grandioso na EJA. Como foi o caso do Basquete adaptado, o futebol sentado e em dupla ministrados dentro do conteúdo “jogo” nessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EJA é uma modalidade de ensino que atende um público popular. As turmas são formadas por alunos trabalhadores e não trabalhadores, pessoas especiais, aposentados, entre outros. Pessoas simples e dispostas a retornar aos estudos, público com muitas dificuldades intelectuais, físicas e cognitivas. Por esse motivo, buscamos levar a Educação Física para a escola a fim de analisarmos as possibilidades de inserção desse componente curricular no Programa de Educação de Jovens e Adultos da cidade de Campina Grande – PB.

Mesmo sabendo que a Educação Física tem sido aceita em várias áreas e em horários variados, tem-se notado que as escolas em seu período noturno não estão oferecendo aos seus alunos, atividades que possam desenvolver o conhecimento necessário à sua vida diária. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), em seu artigo 26, § 3º, torna a Educação Física componente curricular obrigatório no Ensino Básico. Com isso, dá ao aluno, seja ele criança, jovem ou adulto, o direito de participar das aulas de Educação Física.

O projeto educacional elaborado para a EJA também tem como objetivo promover a inclusão social e educacional do aluno. A Educação Física cumpre em sua prática esses objetivos.

Com a revisão da lei, acima citada, a escola ficou obrigada a oferecer aulas de Educação Física no ensino noturno, ficando por conta do aluno decidir se quer ou não participar das aulas. (BRASIL, 2003). Foi constatado com essa pesquisa que das 87 escolas municipais de Campina Grande, 45 adotaram a modalidade de ensino voltado para a EJA e que apenas uma escola oferece aulas de Educação Física à noite.

Parece que as instituições de ensino não dão importância ao componente curricular Educação Física e se mostram neutras diante da inclusão em seu currículo. Uma vez que os alunos são em sua maioria trabalhadores e vem de uma jornada de trabalho de 7 a 8 horas. Com isso devemos entender que estão cansados e devem ficar sentados para descansar? Errado! Aqui quebramos essa afirmativa e declaramos que os alunos participantes da pesquisa são em sua maioria trabalhadores e em nenhum momento se recusaram a participar das aulas ministradas por algum motivo relacionado ao trabalho.

Nosso campo – amostra foi formada por uma turma de EJA contando com alunos de 15 a 74 anos que estão em fase de alfabetização, pois se encontram no 1º e 2º ciclo de ensino. A decisão pelo ensino noturno se deu devido ao trabalho, sendo a profissão de destaque a

atuação como doméstica. Todos esses indicativos de uma vida corrida e bastante difícil para os alunos acima de 45 anos não impediu o envolvimento e desejo pela continuação das aulas de Educação Física no ensino noturno. O que nos permitiu concluir que há espaço para o componente curricular Educação Física no currículo da EJA.

Com base no que foi coletado em nossos diários de campo e questionários, pudemos responder aos questionamentos que fizemos em nossa pesquisa de forma positiva. A Educação Física ministrada aos alunos da EJA foi muito importante porque contribuiu para o desenvolvimento dos alunos, gerando outros conhecimentos sobre o corpo e suas funções para aplicar no ambiente de trabalho ou em casa quando precisar. Bem como, conhecimentos diversos para sua vida social.

Já as entrevistas com os profissionais que atuam na escola escolhida, confirmaram nossa expectativa de inclusão do componente curricular e nos indicaram as necessidades básicas para o ensino dessa categoria educacional com a modificação da metodologia e uso de temas transversais propostos pelos PCN's (BRASIL, 2001). Ambos concordaram com a implantação nas escolas que ainda não dispõem a Educação Física em seu currículo e a continuidade na escola que atuam. Como já foi mencionado à cima: essa é a única escola que tem em seu currículo aulas de Educação Física uma vez por semana.

Não podemos mais pensar a Educação Física apenas voltada para os ensinos: infantil, fundamental e médio. Com essa pesquisa afirmamos que é possível a aplicação de aulas no ensino noturno, mas que deve ser dada uma atenção especial a esses grupos, porque será exigida do profissional maior criatividade para envolver a todos em suas práticas. Uma vez que haverá “[...] a necessidade de construção do conhecimento com uma acentuada participação do aluno” (BRASIL, 2001, pag. 58).

Por fim, queremos acrescentar que a EJA precisa de atenção por parte das escolas e dos profissionais de Educação Física para o desenvolvimento global dos alunos permitindo sua inclusão na cultura corporal de movimento, fazendo-os vivenciar o fazer, o compreender e o sentir o corpo (BRASIL, 2001).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosalvo. **Banco de Dados Online de Trabalhos Acadêmicos da UEPB**. Disponível em http://creator.zoho.com/rosalvo_andrade/uepb-bc-sece-ancodedados-monografias. Acesso: dia **16/08/2011**
- BARATA, Katia Maria Alves. **Educação Física e jogos**. Disponível em: www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_fisica/0006.html . Acesso em: 19/042011.
- BARBOZA, Pedro Lúcio. **Educação em questão: recortando temas e tecendo ideias**. Campina Grande: Latus, 2010.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. (Lei de nº 10.793 de 1º de Dezembro/2003) Brasília: Senado Federal, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – Educação Física**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação; Conselho Deliberativo: Resolução/FUNDE/CD/Nº48 de 28 de novembro 2008. **Manual de Formação de Continuada em Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2008.
- BRASILEIRO, Livia Tenório: **O Conhecimento no Currículo Escolar: O conteúdo Dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica**. Recife, 2001. P. 118 (Dissertação de Mestrado)
- CARPANELLA, Isabella, Angiolina Bragança. **Vida Nova: alfabetização de jovens e adultos**, São Paulo: FTD, 2007.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- CONFED. Folheto: **Biênio da Educação Física Escolar**. Belo Horizonte, 2009-2010.
- CONFED/CREFs. **Carta Brasileira de Educação Física**. Belo Horizonte, 2000.
- CORREIA, M. M. Jogos cooperativos na escola: possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n 2, 2006, p. 147-164.
- CURY, Augusto. **Nunca Desista dos seus Sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- DARIDO, S.C. ; GALVÃO, Z. **Educação Física na escola: possibilidades e limites**. Anais do Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, v.1, 1997a, p.311-316.
- ESTADO da PARAÍBA. **Prefeitura Municipal de Campina Grande**: Secretaria de Educação, Esporte e Cultura. Gerência de Ensino Fundamental. Relação das escolas 2010. Visita em 04/11/10.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Organização do trabalho na escola: Alguns pressupostos**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PEREIRA, Izaides. **Educação Física e Interdisciplinaridade no Ensino Médio**. Artigo publicado em 11/12/2007. Disponível em: www.webartigos.com/index.php/article/default/redirect/?ART_ROOT_ID=3045. Acesso em: 24/01/2011

PIRES, Giovani de Lorenzi; Neves, das Annabel: A formação do professor de Educação Física e a importância da escola. In: KUNZ, Elenor. **Didática da educação física 2**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001, p. 60.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Edição especial: Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série**. São Paulo, 1999.

SCHNEIDER, Ledi. **A Docência na Educação de Jovens e Adultos: legislação e possibilidades de formação**. Disponível em: Disponível em: www.cereja.org.br/pdf/revista,v/Revista_LediSchneia.pdf . Acesso em 19/04/201.

SALDANHA, Leila. **Histórico da EJA no Brasil**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/17677/1/HISTORICO-DA-EJA-NO-BRASIL/pagina1.html#ixzz15N7Usxb9>. Acesso em: novembro/ 2010.

SESI – Departamento Nacional. Guia para a ação alfabetizadora: / **Serviço Social da Indústria**. – Brasília: SESI, 2003.

VANESSA, Sandra. **Revista Plenitude**. Rio de Janeiro, ano 30: nº 188: janeiro de 2011, Editora Unipro, p. 08-09.

VASCONCELLOS, Celso do S. Finalidade da escola: Novos olhares, a partir da crise dos paradigmas, Teoria e Prática em Educação. **Revista Dois Pontos**. Belo Horizonte janeiro/Fevereiro, 1998, p. 36.

ANEXOS



Imagem - 15

Escola Municipal Félix Araújo
CNPJ: 01.954.547/0001-99
Rua Otacílio Nepomuceno, s/n, Cep: 58104-160.
Bairro: Catolé
Telefone: 3337-3754 / 3337-1006

**PLANO DE CURSO
2011.1**

COMPONENTE CURRICULAR: Educação Física

TURNO: noite

TURMA: EJA

FAIXA ETÁRIA: 15 a 74 anos

CARGA HORÁRIA: 16h/a

PERÍODO: abril a junho

ANO: 2011

OBJETIVO GERAL: Conhecer e vivenciar possibilidades de jogos como conteúdo de ensino da Educação Física na Escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Introduzir a Educação Física através do jogo de forma lúdica para envolver algumas habilidades como raciocínio, agilidade e concentração dos alunos;
- Vivenciar jogos conhecendo sua construção sócio-histórica;
- Promover a socialização através dos jogos por equipes.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Unidade:

JOGOS SIMPLES:

- Jogo de arcos;
- Jogo pega-pega gavião;
- Dança do equilíbrio;
- Corrida do limão.

JOGOS COOPERATIVOS

- Garrafa inteligente;
- Três palavras;
- Bola venenosa;
- Futebol sentado;
- Basquete adaptado;
- Jogo de boliche.

METODOLOGIA

Em nossa metodologia de ensino, utilizaremos de forma lúdica os jogos recreativos, com a participação dos alunos individualmente, em duplas ou em grupos para promover a socialização dos mesmos. Para ministrarmos as aulas com sucesso contaremos com uma gama de materiais como: bolas, garrafas, arcos, cordas entre outros que serão de suma importância para fazer com que os objetivos sejam todos alcançados. Porém, para maior sucesso, esperamos a participação contínua dos alunos e seu envolvimento nas aulas. Contaremos para isso com dois espaços da escola escolhida, sendo um coberto e outro ao ar livre que permitirá a variação tanto de jogos simples como os mais complexos. As aulas serão ministradas visando o desenvolvimento ou aprimoramento das habilidades: agilidade, coordenação, noção espacial e equilíbrio e planejadas para levar conhecimento sobre as diferentes situações criadas durante as aulas. Ainda para que haja o envolvimento de todo o grupo respeitando o limite de cada um, já que estamos falando de jovens e adultos em uma só turma.

AVALIAÇÃO: participativa e por observação da conclusão das atividades.

RECURSOS DIDÁTICOS: garrafas pet, cartolinas, gravuras, arcos, bolas, bexigas, canudos, corda etc.

CRONOGRAMA

ABRIL/JUNHO

TERÇA	DATA	QUINTA	DATA
Jogo de arcos	26/04/11		
Bola venenosa	10/05/11	Corrida do limão	12/05/11
Dança do equilíbrio	24/05/11	Futebol sentado	26/05/11
Basquete adaptado	31/05/11	Jogo de arcos	02/06/11
Passa a laranja	07/06/11		

REFERÊNCIAS

FLOR, Iván; GÂNDARA, Cristina; REVELO, Javier; MELLO, Alexandre Moraes de. **Manual de educação física**: Esporte e recreação por idades. Madrid, España: Equipe Editorial, S/D.

PILAR, Pont Geis; RUBÍ, Maika Carroggio. **Terceira idade** – atividades criativas e recursos práticos. Trad. Magda Schwartzhaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVINO, José Fritzen. **Dinâmicas de Recreação e Jogos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PLANOS DE AULA



Imagem - 16

PLANOS DE AULA**Identificação:**

Nome da escola: Escola Municipal Félix Araújo

Endereço: Rua Otacílio Nepomuceno, s/n, Catolé

Cidade: Campina Grande

Estado: Paraíba

Professor ou estagiário: Aleksandra Pereira

Disciplina: Educação Física

Série: 1º e 2º ciclo EJA

Período: 26/04/11 a 07/06/11

Objetivo:

- Analisar as possibilidades de inserção do componente curricular Educação Física no Programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande - PB.

Nº. da aula: 01

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Possibilitar, através de jogos, o reconhecimento do outro e o papel do trabalho em equipe.

Conteúdo: Jogos cooperativos das três palavras e Jogo das Bexigas divertidas.

Metodologia:

1º atividade

- gaiola - passarinho - vendaval

1. Serão formados grupos de três pessoas, sendo que duas darão as mãos e a outra se posiciona no meio, entre as duas;
2. Quando for pronunciada a palavra gaiola, as duas pessoas mudam de lugar e as pessoas de dentro ficam paradas;
3. Quando for pronunciada a palavra passarinho, só as pessoas de dentro mudam de lugar e as outras pessoas que formam a gaiola ficam no lugar;
4. Quando for pronunciada a palavra vendaval, todos mudam para formar novas equipes.

Obs. Ficarão algumas pessoas de fora para tomar o lugar dos passarinhos e na hora do vendaval formar novas equipes deixando outras pessoas de fora. Tem que ter muita agilidade.

2º atividade

Entregar bexigas coloridas a todos os participantes;

Dividir a turma em dois grupos;

Obs. Dentro das bexigas terão prendas.

1. O jogo começa ao som de uma música, onde todos deverão jogar as bexigas para cima várias vezes até que o animador estoura uma bexiga. Aí os dois grupos se formam rapidamente sobre um “X” que será marcado no chão.
2. A certa distância será colocada uma cadeira para cada grupo.
3. Após a formação dos grupos, um dos participantes corre em direção à cadeira, coloca a bexiga e senta em cima para estourar, pega o papel que está dentro e volta rápido ao grupo para executar a atividade. Em seguida, vai outro até que todos participem.
4. Vence o grupo que primeiro executar todas as atividades propostas.

Recursos Didáticos: espaço grande, tipo salão, e bexigas coloridas, som e cd.

Avaliação: por observação da motivação da turma.

Nº. da aula: 02

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Observar o grau de envolvimento dos participantes, através de jogos em equipe, para a promoção de relações saudáveis.

Conteúdo: Jogo do passa a bola e Jogo da bola perigosa.

Metodologia:

1º atividade

1. Será formado um grande círculo. Todos de pé;
2. Será entregue uma bola que será passada entre os participantes;
3. Ao som de uma música, a bola será passada. Quando a música parar, quem estiver com a bola fará um movimento que será executado por todos.

2º atividade

Serão formadas três equipes que serão marcadas com fitas de TNT, amarradas na cabeça;

Tabela

Azul x vermelho

Azul x branco

Branco x vermelho

Duas equipes formarão um grande círculo, a outra se posicionará no centro do mesmo, seguindo a tabela acima apresentada;

1. Uma bola passará rapidamente pelas mãos das pessoas que estão no círculo, enquanto as pessoas que estão dentro vão se deslocando para longe dela para não serem baleadas;
2. As equipes que estão no círculo tentarão balar as pessoas que estão dentro do círculo fugindo para não serem atingidas pela bola;
3. A equipe que balar contará um ponto e assim por diante;
4. A pessoa baleada entrará no círculo e não poderá balar, mas passará a bola que estará girando no círculo;
5. Os participantes que estiverem no círculo, só poderão balar a equipe que estiver no centro da cintura para baixo;
6. Para o jogo ficar mais rápido, acrescentar mais bolas.

Recursos Didáticos: fitas de TNT e bolas.

Avaliação: participativa e por observação.

Nº. da aula: 03

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Possibilitar uma maior quantidade de movimentos fazendo com que os alunos vivenciem movimentos antes não realizados.

Conteúdo: Jogo siga o mestre e futebol de dupla.

Metodologia:

1º atividade

1. Será formado um grande grupo com todos os participantes;
2. Uma pessoa sai da sala para tentar adivinhar quem é o mestre;
3. Os participantes que ficarem na sala deverão seguir o mestre à risca;
4. Ao entrar o participante terá duas tentativas de acertar;
5. Se o participante que está tentando adivinhar, acertar:
 - Se ele acertar paga a prenda que ele disser.
 - Se ele errar, pagará sozinho a prenda que o grupo indicar. (três tentativas).

2º atividade

A turma será dividida em duas equipes;
Cada equipe será organizada em duplas;
As duplas ficarão amarradas pelos pés, um ao lado do outro a fim de que os dois pés do meio (entre eles) fiquem amarrados e os outros livres para permitir o deslocamento e o possível chute.

Divididos os times começa o jogo;

Obs. Na trave não terá goleiro;

Quem marcar maior número de gols vence o jogo.

Se uma equipe estiver vencendo demasiadamente a outra, podem-se formar outros times misturando as equipes.

Recursos Didáticos: cadeiras e uma bola e elástico.

Avaliação: Participativa e por observação.

Nº. da aula: 04

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Explorar possibilidades de movimentos do nosso corpo, reconhecendo-os como meio de comunicação entre o grupo.

Conteúdo: Jogo da Garrafa inteligente e do futebol sentado.

Metodologia:

1º atividade

1. Formar um círculo com cadeiras;
2. Colocar uma garrafa de plástico vazia no centro do círculo;
3. O instrutor ou voluntário gira a garrafa até que esta, ao parar, sinalize um dos participantes: “aquele a quem a garrafa sinalizar deverá...”.
4. Por exemplo: dizer o exercício que mais gosta, e o restante da turma executar com ele; (...) inventar em duplas um exercício ou ordens com caráter lúdico, com o objetivo de socializar o grupo e dinamizar a aula; imitar um animal e escolher um colega para que o ajude.

Obs. Se houver uma grande quantidade de participantes, devem ser formados dois grupos.

2º atividade

1. Formar dois círculos com cadeira em um lugar espaçoso;
2. Uma bola será entregue a um dos participantes;
3. O jogo começa com a tentativa de fazer o gol por entre as pernas das cadeiras;
4. Os participantes impedirão com o movimento das pernas fechando o gol e impedindo a passagem da bola;
5. A bola ficará aleatoriamente nos pés dos participantes, que poderão chutar quantas vezes a bola voltar aos seus pés.

Obs. cada grupo contará a sua quantidade de gols feitos.

Os dois grupos começarão o jogo ao mesmo tempo.

Vence o grupo que fizer mais gols.

Atenção: para que os participantes não facilitem o gol, será escolhido um fiscal de cada grupo para observar e contabilizar os gols do grupo adversário.

As pernas ficarão afastadas e só se juntarão para impedir a passagem da bola.

Obs. Se houver uma grande quantidade de participantes devem ser formados dois grupos.

Recursos Didáticos: uma ou duas garrafas e cadeiras.

Avaliação: participativa e por observação.

Nº. da aula: 05**Tema da aula:** Jogo**Objetivos:** Promover a socialização através do trabalho em equipe, além de desenvolver a noção de espaço e tempo dos participantes.**Conteúdo:** Jogo do arremesso no arco e Basquete adaptado.**Metodologia:****1º atividade**

1. Serão formadas duas equipes;
2. Será escolhido um dos participantes para ficar com o arco suspenso;
3. O participante escolhido se posicionará a certa distância da sua equipe;
4. Cada participante tentará acertar, ou seja, passar a bola por dentro do arco;

Obs. Quem mais acertar vence o jogo.

2º atividade

Serão formadas duas equipes e se diferenciarão pelas cores de fitas amarradas na cabeça;

Em duas pontas da quadra simulando as cestas de basquete, serão postos dois arcos segurados por dois participantes que os erguerão acima da cabeça;

1. O jogo começa com o apito, podendo ser interrompido se houver desrespeito entre os participantes.
2. Ganha a equipe que fizer maior número de pontos.

Obs. As pessoas que estiverem impossibilitadas de participar por algum motivo, participarão do tiro ao alvo.

Serão colados na parede, com fitas adesivas, vários arcos;

1. Os participantes que se posicionarão a certa distância marcada por um círculo no chão tentarão acertar com uma bola o alvo, ou seja, dentro do arco;
2. Ganha a equipe que fizer maior número de acertos.
3. Pode-se nesta atividade usar das duas mãos, uma de cada vez.

Regras: pode andar ou correr, entregar a bola ao outro ou jogar, não pode tomar a bola das mãos do adversário, talvez só as mulheres possam fazer cesta se os homens se mostrarem competitivos demais.

Recursos didáticos: arcos e bolas, giz branco e fitas de TNT.**Avaliação:** Participativa e por observação.

Nº. da aula: 06

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Possibilitar a interação entre os participantes. Em termos físicos fazê-los explorar suas capacidades motoras; qualidades necessárias à vida diária.

Conteúdo: jogo de arcos e pega-pega gavião.

Metodologia:

1º atividade

Serão desenhados vários arcos no chão com giz branco e outros coloridos móveis;
Os participantes formarão três equipes que serão marcadas com fitas de TNT no punho;
1. Em seguida será colocada uma música divertida;
2. Os participantes vão sair dançando de forma aleatória nos espaços vazios, ou seja, onde não tem arco desenhado no chão;
3. O professor (a) levanta a mão e apresenta com os dedos a quantidade de participante que ele (a) quer que entre no arco quando soar o apito ou parar a música;

Obs. Não soma ponto a equipe que ficar com participante de fora dos arcos;

Adaptação – alguns arcos podem ser numerados para que o professor (a) possa agora, ao invés de mostrar a quantidade com os dedos, falar qual o número que ele (a) deseja que os alunos procurem nos arcos e entrem neles.

Obs. Os números devem ser repetidos em alguns arcos devido à quantidade de alunos, evitando assim que haja empurrões e desentendimentos.

2º atividade

1. Será formada uma só equipe;
2. No chão da quadra será feito um grande corredor, tipo uma rua larga;
3. O jogo será organizado da seguinte forma: entre os participantes serão escolhidos três de cada vez para fazer papel de gavião;
4. Por dentro do corredor ficarão os gaviões, e por fora o resto do grupo;
5. A outra equipe (os pintinhos) que ficar de fora vai tentar atravessar a rua de um lado para o outro sem que os gaviões os peguem;

Obs. Quando todos forem pegos ou os gaviões cansarem, ou na ordem do professor (a) para trocar de gavião, entram então outras pessoas.

Recursos Didáticos: arcos ou giz colorido, fitas de TNT, som, CD e apito.

Avaliação: Participativa e por observação

Nº. da aula: 07

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Fazer com que os alunos de forma lúdica aprimorem o equilíbrio essencial para os movimentos diários e experimentem alguns ritmos musicais fazendo com que se movimentem de forma diferente.

Conteúdo: jogo, dança do equilíbrio e corrida do limão.

Metodologia:

1º atividade

Formar três equipes nos cantos do pátio;
Cada pessoa do grupo deve equilibrar um livro sobre a cabeça;
Ao som de uma música todos devem dançar no ritmo da música equilibrando o livro;

1º música: dance;
2º música: forró estilo quadrilha;
3º música: forró de teclado;

1. A atividade será repetida três vezes com os ritmos acima citados.
2. As equipes irão somando os pontos obtidos.

Obs. quem deixar o livro cair formará um novo grupo no centro do pátio e continuará dançando.

Vence o grupo que finalizar com um maior número de participantes.

2º atividade

Formar duas equipes: cada qual com dois grupos, em filas, uma de frente para outra;
As duas primeiras pessoas da equipe estarão marcadas com uma fita (TNT), no punho;
Cada equipe receberá uma colher e um limão;

1. Com o sinal do professor, o primeiro aluno sairá andando com passos acelerados equilibrando o limão na colher, entregará ao colega de sua equipe que o espera na fila da frente e corre para trás dessa fila. O outro rapidamente fará o mesmo indo ao encontro do colega da fila à sua frente e se posiciona atrás da fila.

Obs. vence a equipe que primeiro terminar, ou seja, quando os dois participantes marcados estiverem um de frente para o outro na posição inicial.

O mesmo vale para a outra equipe.

Recursos Didáticos: livros, colheres, limões e fitas de TNT.

Avaliação: Por observação e participação dos alunos.

Nº. de aula: 08

Tema da aula: Jogo

Objetivos: Aprimorar as habilidades com os membros superiores e inferiores, bem como abrir uma discussão sobre hábitos saudáveis e o meio ambiente.

Conteúdo: jogo de boliche e passa a laranja.

Metodologia:

1º atividade

Serão formadas duas equipes;

De frente a cada equipe será colocada uma corda parte reta, parte ondulada formando curvas;

Mais à frente, a certa distância, será marcado um círculo no chão;

Mais à frente, a certa distância, será colocada garrafas pet;

1. O último participante da fila sairá com uma bola nas mãos, segurando-a acima da cabeça;
2. Passará por cima da corda, se equilibrando, se posicionará sobre o “X” marcado no chão e lançará a bola para derrubar as garrafas;
3. Quando voltar, ele se posicionará a frente da fila e passará a bola na seguinte sequência, lado direito e esquerdo respectivamente, até chegar ao último que recomeçará o jogo.

Obs. Vence a equipe que primeiro terminar;

O primeiro participante terá marcação de fita (TNT), no punho;

O critério de desempate será a quantidade de garrafas derrubadas. (um aluno de cada equipe para fazer a contagem e escrever num papel).

2º atividade

Dependendo da quantidade de participantes, serão formados um ou dois grupos.

1. Formados os grupos, eles ficarão em círculo e sentados em cadeiras;
2. Com pernas e pés bem juntos, os participantes devem segurar a laranja sobre os pés e passar para o outro à sua direita ou esquerda, também com os pés;

Obs. O grupo que deixar a laranja cair perderá pontos;

Cada equipe terá um saldo de vinte pontos;

Vence a equipe que terminar com mais pontos.

Recursos didáticos: fitas de TNT, giz branco, laranjas, bolas e cadeiras.

Avaliação: Participativa e por avaliação.

DIÁRIO DE CAMPO



Imagem - 17

Escola Municipal Félix Araújo
CNPJ: 01.954.547/0001-99
Rua Otacílio Nepomuceno, s/n, CEP: 58104-160
Bairro: Catolé
Telefone: 3337-3754 / 3337-1006

Tudo começou com minha ida à Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande para conseguir a lista de Escolas Municipais da cidade e descobrir quais delas adotaram o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Após localizar a escola, cujo nome está escrito acima, me preparei para visitá-la. Chegando lá, para a minha surpresa, a diretora era minha conhecida. Então senti que seria bem recebida e que tudo daria certo para mim. Apresentei a ela os objetivos gerais e específicos do meu projeto, comunicando que após a intervenção aplicaria um questionário para coletar os dados. Falei então que precisava apenas de uma das turmas. Ela me aconselhou unir todos os alunos das quatro salas devido o grande número de faltosos. Assim, sempre teria uma quantidade de alunos para participar. Foi o que fiz. Depois de acertado com a diretora, chegou a vez de falar com as professoras. Cheguei mais cedo para encontrá-las todas juntas na sala dos professores. Então lhes apresentei meus objetivos e comuniquei que precisava que elas liberassem os alunos mais cedo nas terças e quintas-feiras às 20h30min para que eu pudesse ministrar minhas aulas. Todas aceitaram. O próximo passo foi falar com o professor de Educação Física que ministra uma aula por semana na quinta-feira. Ele me permitiu cedendo o seu dia de aula. Passei então para a conversa com os alunos. A partir daqui foram muitas idas à escola para que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, já que entre eles existem uns menores de dezoito anos. Então foi só esperar ansiosa o início das aulas no dia 26/04/11.

DIÁRIO DE CAMPO**AULA DE Nº.:** 01**DATA:** 26/04/11**TEMA:** Jogo**DIA:** Terça-feira**HORA:** 20h30min**CONTEÚDO:** Jogo cooperativo das três palavras e jogo das bexigas divertidas.

No começo eu me apresentei à turma e explanei um pouco o que vem a ser o jogo no meio escolar, já que para eles o jogo era apenas jogo de dama, dominó, baralho e o futebol. E se assim o fosse, muitas pessoas já tinham dito que não iriam participar. Continuei falando sobre a sua importância como atividade física. Todos me escutaram e, a partir daí, expliquei a diferença entre os jogos competitivos e os cooperativos, para então desenvolver a primeira atividade. O primeiro jogo foi o das três palavras: gaiola, passarinho e vendaval. Percebi que os participantes têm certa dificuldade para trabalhar em equipe, em ouvir e principalmente para memorizar o comando do jogo e compreender o que foi explicado. Tanto que nesta primeira atividade não conseguimos utilizar a terceira etapa que era o vendaval. O fato é que quase não conseguiam mudar de lugar corretamente ao comando das palavras, gaiola e passarinho.

Na segunda atividade, depois de explicado que se tratava de um jogo competitivo, mas de caráter lúdico, os participantes, mais uma vez, demonstraram confusão entre si, tanto no sentido de entender o trabalho em equipe, como o tempo de cada pessoa para realização de sua participação. O grupo “um” foi o vencedor, porque conseguiu realizar a maioria das prendas das bexigas, enquanto o grupo “dois” teve maior dificuldade de concentração e não conseguiu o mesmo resultado. Percebi, também, que em todo lugar os “fortes” sempre escolhem seus grupos ficando os mais “francos” à margem. Poderia ter evitado isso, mas dei liberdade a eles para que se agrupassem a fim de que pudessem conhecer um pouco o grupo.

Após o término da aula, nos sentamos em círculo e refletimos sobre as maiores dificuldades encontradas para a realização das atividades. Chegamos à conclusão de que o ouvir teve muito a ver com as falhas na execução das atividades, bem como as brincadeiras paralelas de alguns participantes. Segundo alguns alunos, eles pensavam que a Educação Física Escolar era para fazer ginástica e jogar futebol, mas após vivenciar as atividades propostas puderam conhecer esse outro lado que resgata atividades/brincadeiras que eles não viveram na infância.

Concluindo, observei ainda que alguns jovens os quais os convidei no início da aula para participar e não quiseram, do meio para o fim desejaram entrar e participar com o grupo. Isso prova que o jogo, promovido pela aula de Educação Física, atrai as pessoas de diferentes idades e que proporciona no meio escolar momento prazeroso e socializador. Todos liberaram o riso, por sinal foram muito espontâneos, liberaram o cansaço e prometeram voltar para as outras aulas.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE N°: 02

DATA: 10/05/11

TEMA: Jogo

DIA: Terça-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo do passa a bola e bola perigosa

Após muitos dias sem aula devido à chuva, em fim ministrei a segunda aula que teve como objetivos: observar o grau de envolvimento dos participantes, através de jogos em equipe, para promoção de ralações saudáveis. O primeiro jogo teve caráter totalmente cooperativo, enquanto o segundo era cooperativo/competitivo. No primeiro jogo, observei como os alunos têm dificuldade de usar o corpo e através dele criar movimentos diferentes. Essa dificuldade pode ter ocorrido pela timidez de alguns ou falta de entrosamento com a turma, o que inibiu a variedade de movimentos. Alguns repetiam o que outros já tinham feito. Observei também que é difícil se expor no centro do grupo, mas que isso não diminuiu a participação de todos.

Já no segundo jogo, formei um grande círculo e intercalei as cores das fitas TNT, vermelho, azul e branco, o que me deu ideia de três grupos em um. Começou a competição, quando um dos grupos foi colocado no centro, enquanto os outros dois competiam entre si, tentando balear os participantes do centro. Observei aí que os alunos que se encontravam no centro não apresentavam movimentação para se defender da bola. Enquanto que no grande círculo havia pessoas que nem sequer tentavam balear, ficando limitado a alguns mais expertos. Faltou atitude de muitos participantes. Eles mal passavam a bola para os outros. Fiquei impressionada foi com a falta de ritmo, movimentação e atitude dos participantes. Agora motivação e alegria, isso não faltou.

No final, quando terminamos as atividades, pude perceber que todos perceberam que faziam parte de um grupo, mas não entendiam a importância de jogar pela sua equipe. É como se cada um estivesse jogando por si próprio para marcar seu ponto. Percebi que o jogo é uma atividade bem aceita nesse grupo de EJA e que todos se envolveram de tal forma que apresentaram no semblante a vontade de participar na próxima aula. Ministras aulas para EJA é muito gratificante porque se percebe a necessidade desse grupo em diferentes aspectos que podem ser trabalhados de forma a estimulá-los para sua vida em sociedade. A Educação Física tem um importante papel de inclusão. Digo isso também porque em nossa aula percebi a presença de pessoas com deficiência física e algumas de temperamentos duvidosos (déficit de atenção) acentuado. Ficou claro, portanto, a necessidade de implantar a Educação Física na EJA e permitir assim que esses alunos tenham acesso ao conhecimento pela prática da cultura corporal de movimento.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE N°: 03

DATA: 12/05/11

TEMA: Jogo

DIA: Quinta-feira

HORA: 20h10min

CONTEÚDO: Jogo do Siga o mestre e futebol em dupla

Nossa aula não começou no horário certo. Algo dificultou a preparação do ambiente. Quando cheguei lá, o professor já tinha iniciado a aula dele. Isso me deixou sem chão e me impediu de retirar os alunos da quadra, porque já estavam os meninos jogando bola. Resumindo, o professor esqueceu que eu estava ocupando a aula dele, só que no horário mais tarde, às 20h30min. Sempre gosto de chegar antes do horário para preparar o ambiente e rever o conteúdo. Enfim, fiquei toda atrapalhada. Organizei os alunos na quadra mesmo e expliquei a primeira atividade, que era o jogo do siga o mestre. Esse jogo tem o objetivo que incentivar a criatividade de movimento dos alunos. Uns participavam sendo adivinhos e outros os seguidores do mestre. Que bom que surgiram outros movimentos, o que mostra que evoluímos em relação à aula passada. No final dessa atividade, nós recapitulamos todos os movimentos, então percebi que eles estavam ligados no que estavam fazendo.

Na segunda atividade, expliquei como seria o futebol de dupla e entreguei os elásticos para que eles prendessem os pés uns nos outros e as fitas para dividir as equipes. Para que ficassem mais visíveis, pedi que colocassem a fita amarrada na cabeça. No início houve uma grande dificuldade de deslocamento. Percebi então que os meninos para facilitar o deslocamento amarraram o elástico deixando um espaço para que se deslocassem melhor. Falei que não valia. Mesmo estando com o elástico um pouco afastado mostrando que estavam trapaceando, esse time não conseguiu ganhar. O time adversário fez dois gols e venceu. Isso aconteceu quando as equipes começaram a se mexer em quadra. Percebi que eles, principalmente as mulheres, ficaram com medo de cair, por isso não saíam do lugar. Percebi também que a divisão de gênero ainda queria predominar. Os homens queriam jogar só, enquanto as mulheres ficaram balançadas, em dúvida, se participariam ou não. Mesmo sem gostar de futebol, as mulheres se empenharam e fizeram os gols. Consegui com as atividades fazer com que elas criassem novos movimentos e vivenciassem um futebol diferente.

Por fim, recapitulamos a atividade e eles disseram que nunca tinham jogado assim e que era muito difícil, porque a outra pessoa não anda no mesmo passo. Uns tem que arrastar o outro. Mas não faltou animação, descontração e participação dos alunos.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE N°: 04

DATA: 24/05/11

TEMA: Jogo

DIA: Terça-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo da garrafa inteligente e futebol sentado.

Como sempre, cheguei mais cedo e organizei o ambiente com as cadeiras formando dois círculos. Quando a turma chegou estava em número de dezessete pessoas. Expliquei o primeiro jogo e indiquei que eles se dividissem em dois grupos e sentassem nas cadeiras. Logo vem a tendência da divisão por sexo. Na fala deles, logo disseram “os homens aqui e as mulheres ali”, o que impedi dizendo que todos deveriam trabalhar juntos sem divisão e que daria certo. Em seguida, entreguei as garrafas pet todas enfeitadas com durex colorido. Rodei a garrafa no centro do círculo e disse que para aonde a garrafa apontasse a pessoa teria que realizar um movimento que seria seguido por todos do seu grupo. Os alunos se empolgaram de um jeito, que não queriam parar. O bom é que muitos movimentos foram feitos e realmente realizados por todo o grupo, de forma que o jogo cooperativo trouxe grande participação de todos. O que pude observar é que muitos movimentos foram repetidos várias vezes no grupo mais adulto, enquanto no grupo mais jovem, houve uma variedade melhor de movimentos. Percebi que eles mesmos entenderam que não deveriam repetir e sim acrescentar, como se aquele que fizesse o movimento mais diferente ganhasse um prêmio. Isso quer dizer que faltava mais estímulo nas pessoas que passaram boa parte de sua vida sem estudar e consequentemente perderam o desenvolvimento psicomotor de realizar movimentos pensados e criativos desenvolvidos pelas aulas de Educação Física na escola.

Passamos então para a segunda atividade: O jogo do futebol sentado. Ainda em grupo, fizemos esse jogo sentados, levando ao conhecimento do aluno a variedade de jogos que se podem fazer com bola e a variação de futebol. Os alunos se encontravam sentados e com as pernas afastadas lateralmente. Só podiam uni-las para impedir a passagem da bola. Foi aí que percebi a falta de atenção de alguns, pois levavam sempre gols. E muitos não desenvolveram durante a atividade a lógica de enganar o companheiro mais próximo, ou seja, não fizeram golpe de vista (quando olhamos para um participante e jogamos em outro). Segundo eles, os jogos foram muito prazerosos e divertidos. Também eles nunca tinham participado de um jogo daquele tipo e mais sentados. Por fim, quero dizer que foi uma aula muito proveitosa no sentido do entrosamento, ludicidade e conhecimento do que a Educação Física pode desenvolver na EJA. De uma forma geral, eu voltei para casa muito satisfeita com o empenho e compromisso dos alunos, que no fim reclamaram que só tem um dia de Educação Física por semana e que gostaria que tivesse mais. Isso muito me alegra porque percebo na fala deles que a Educação Física tem espaço no ensino noturno (EJA), quando demonstram esse desejo em ampliar os dias de aula.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE Nº.: 05

DATA: 26/05/11

TEMA: Jogo

DIA: Quinta-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo do arremesso no arco e basquete adaptado.

Cheguei à escola com um monte de arco. Logo escutei os comentários que se fosse para rodar na cintura não iriam participar da aula. Pedi que não se assustassem, pois não era para o fim que eles estavam pensando. Reuni então a turma e dividi em dois grupos com fitas de TNT no punho. Com as fitas no punho, foi mais fácil formar as duas equipes em filas. Expliquei que alguém ficaria a certa distância com um arco suspenso para que eles com a bola tentassem acertar dentro. Logo se animaram. Ao som do apito começaram. Quem fosse acertando, os pontos seriam contabilizados. Percebi que muitos na primeira tentativa não conseguiam acertar, porque não tinham memorizado a distância ou o peso da bola. Tentamos várias vezes com as duas mãos, direita e esquerda. Hora a bola passava do arco, hora não chegava. A desatenção mais uma vez apareceu, hora estavam dentro do arco desenhado no chão, hora atrás, hora na frente. Eles sentiam muita vontade de acertar e o envolvimento da atividade foi tão grande que risos, vibração a cada acerto e barulho se ouviam. Ainda agitavam para a outra equipe errar.

Após essa experiência, passamos para o basquete adaptado. Foi um sucesso total, eu me surpreendi com a desenvoltura da turma, o envolvimento, o trabalho em equipe, a percepção do outro, o interesse em ganhar e a participação efetiva de todos. Eu confesso que fiquei um pouco preocupada se esse jogo daria certo ou não, já que estamos falando de jovens e adultos em uma mesma turma. Mas caiu como uma luva, daí pude refletir com eles após uma volta a calma com alongamentos e exercícios de respiração sobre os dois jogos. Eles me disseram que no primeiro jogo tiveram um pouco de dificuldade nas primeiras tentativas e se tivessem mais tempo teriam acertado mais e descobriram que a mão que eles escrevem sempre é a melhor para fazer tudo, inclusive para realizar aquela atividade. Já no segundo jogo, os alunos que não queriam participar no começo, no fim pediam mais tempo de jogo. Envolveram-se tanto que desejaram participar mais um pouco, pena que a hora da aula acabou. Percebi uma maior desenvoltura de duas alunas nesse jogo, inclusive perguntei para uma delas se ela teria participado de aulas de Educação Física ou jogado Handebol em sua juventude, pois se encontrava na casa dos quarenta. Mas ela respondeu que nunca tinha participado de aulas de Educação Física nem jogo algum coletivo. Os homens mais ágeis se deslocavam mais e faziam seus pontos. É importante destacar o trabalho em equipe dos alunos e o conhecimento do jogo adaptado com arcos e a percepção do outro para o sucesso do jogo. Um aluno disse que não fez nenhum gol, mas passou três bolas para sua equipe fazer o gol.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE Nº.: 06

DATA: 31/05/11

TEMA: Jogo

DIA: Terça-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo de arcos e pega-pega gavião.

Como de costume cheguei meia hora antes para preparar o ambiente. Desenhei os arcos no chão e fiz o corredor para a segunda atividade. O jogo do arco consistia em ativar os alunos a decidir rapidamente sobre qual arco deveriam entrar. Percebi que boa parte dos participantes corria para ocupar os arcos, enquanto outros eram tão lentos que precisavam que alguém os chamasse, apontasse ou conduzisse para os arcos. A aula foi muito animada, porque enquanto eles se deslocavam podiam dançar ao som de músicas de forró entrando no clima de São João. O entusiasmo foi ótimo. Em seguida, joguei os arcos coloridos no chão e falava duas cores para que eles entrassem. Percebi que eles ainda se atrapalhavam com as cores. Os arcos tinham as cores bem definidas, o que implicava dizer que eles não poderiam se confundir.

Já no segundo jogo, eu participei como gavião para exemplificar, tipo um ensaio para que eles entendessem o jogo. Os alunos estavam marcados com fitas de TNT no pulso para diferenciar os grupos. Isso porque no corredor ficou um gavião de cada grupo. Cada gavião só pegava os pintinhos adversários. Os gaviões só podiam pegar os pintinhos quando estes passassem pelo corredor e não poderiam sair do corredor. Teve um participante que rodou o salão todo e eu gritando que só podia no corredor. Ele escutava, mas não tinha noção do espaço que deveria ocupar. Os participantes disseram que se divertiram muito e que atravessaram poucas vezes porque não podiam correr muito, mas que se movimentaram tanto que chegaram até a suar. A atividade precisava de bastante rapidez, tinha que ser muito ágil, senão o gavião pegaria. O interessante é que eles sempre perguntavam quantas aulas faltavam para terminar. Não que eles quisessem que terminassem, mas já estavam sentindo que iam fazer falta as atividades que ministrei. E acrescentavam que depois que terminassem eu iria esquecer-los. É um lamento. Pedem para continuar com as aulas. Perguntam se eu vou ocupar o lugar do professor. Isso demonstra que as aulas foram bem aceitas no ensino noturno na escola escolhida e que a Educação Física faz a diferença tanto no ensino regular Fundamental e Médio como na EJA.

Por fim, dizer que esses alunos, mesmo sendo em sua maioria trabalhadores, não se limitaram a participar das aulas e por sinal demonstraram muito interesse e entusiasmo nas aulas ficando assim desejosos da continuação em seu horário de estudo.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE Nº.: 07

DATA: 02/06/11

TEMA: Jogo

DIA: Quinta-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo da dança do equilíbrio e corrida do limão.

Hoje cheguei à escola e encontrei o professor que me ajudou a trocar os cd's para a realização da primeira atividade. Expliquei como seria o jogo e imediatamente pedi que todos pegassem um livro. Nesta atividade utilizamos dois tipos de músicas para que eles experimentassem os ritmos. A turma foi dividida em dois grupos e todos deveriam dançar com o livro na cabeça. Um aluno saltou de lá e disse: é aula para desfilarmos? Vamos ser modelos? Achei interessante que esse aluno conseguiu associar a aula a uma realidade vista em outros lugares e, mesmo que não tenha participado, já viu em algum lugar alguém utilizar um livro na cabeça. Iniciamos o jogo e os que iam deixando o livro caírem, automaticamente, formavam um novo grupo no centro da sala, e continuavam a dançar. Assim ninguém ficava excluído da aula. Observei os trapaceiros colocando a mão para ajeitar o livro. Outra coisa foi a facilidade com que algumas mulheres equilibravam o livro. Segundo elas, muitas são lavadeiras, por esse motivo são acostumadas a carregar roupas de roupas na cabeça. O mais legal foi o envolvimento de todos e a tentativa de fazer o seu grupo vencer.

Já no segundo jogo, ainda dividido em duas equipes, os alunos experimentaram na prática uma atividade antiga de que nunca tinham participado, foi o jogo de correr com um limão sobre uma colher. Aqui teve de tudo: desatenção, trapaça, alvoroço, desequilíbrio... Mas também muita correria, alegria, risadas, envolvimento e a determinação de alguns. Com relação ao diálogo final, muitos falaram da dificuldade em equilibrar o livro, por isso ele caía muito. E que depois daquela aula já podiam ir para o Parque do Povo dançar forró, achei engraçado! Percebi nas conversas que por eles serem alunos da EJA, há uma maior dificuldade de se expressar com relação ao que foi desenvolvido na aula. Seria preciso mais tempo para que eles pudessem entender o grau de conhecimento que a Educação Física pode proporcionar. Mas mesmo assim alguns soltam umas verdades em relação às aulas. Isso é bom porque nos estimula a continuar pesquisando nesta área escolar.

DIÁRIO DE CAMPO

AULA DE Nº.: 08

DATA: 07/06/11

TEMA: Jogo **DIA:** Terça-feira

HORA: 20h30min

CONTEÚDO: Jogo do boliche e passa a laranja.

Hoje nós concluímos nossa última aula. Já estou com saudade da turma! Em nosso último encontro, a turma contava dezessete pessoas. Um número bom de alunos. Começamos pelo jogo de boliche. Como vínhamos fazendo atividades com um grau menor de dificuldade, hoje foram colocados outros elementos para aumentar esse grau. Utilizamos, então, corda em forma ondulada, bola sobre a cabeça, andar sobre a corda e acertar de uma distância as garrafas pet. Observei que foi um pouco complicado para eles entender a sequência do jogo, mas com o exemplo e o ensaio foi possível realizá-lo. Em alguns momentos tive que parar o jogo para explicar novamente, porque existem pessoas que são mais difíceis de entender o sentido e o ritmo das atividades, ou seja, apresentam dificuldade para receber e armazenar informação. Quando todos puderam entender o jogo, aí repetimos. Foi então que eles mostraram uma melhor desenvoltura. Percebi que o estímulo estava em derrubar a maior quantidade de garrafas, porque a gritaria era muita, de todo o grupo. Eles se envolveram de tal forma que quando uma pessoa ia jogar a bola para derrubar as garrafas ficavam todos do grupo esperando para gritarem juntos. Observei que eles aprenderam a esperar sua vez na fila, que sempre existem os espertinhos que não queriam fazer o percurso da corda para poder jogar a bola. Entendi e percebi que aqueles que não conseguiram entender o jogo no começo não desistiram e foram até o fim. A tentativa é sempre importante!

O segundo jogo foi o passa a laranja. Pedi para que todos pegassem uma cadeira, que já estava no salão, próxima deles e em seguida formar dois círculos. Sentados, como uma espécie de volta à calma, eles colocaram a laranja sobre os dois pés juntos e iam passando uns para os outros só com os pés. No começo, um dos participantes disse que não conseguiriam fazer aquilo, mas com a tentativa eles conseguiram e se empolgaram no jogo. Só escutavam as risadas quando a laranja caía no chão, parecia um monte de criança participando da atividade. Ótimo! Outro disse: agente nunca vai conseguir passar para todo o grupo! Mas se enganou. Eles mesmos encontraram um jeito e os dois grupos realizaram a atividade com sucesso. Em cada grupo tinha aquele que é mais engenhoso e dava as dicas para passar a laranja sem derrubá-la. Por fim, o nosso último encontro também foi muito legal e mesmo sem responderem o questionário ainda, já me deixou a certeza do espaço da Educação Física no currículo da EJA.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

**COMPROVANTE DE APROVAÇÃO
CAAE 0041.0.133.000-11
Pesquisadora Responsável: LÍVIA TENÓRIO BRASILEIRO**

Andamento do Projeto CAAE- 0041.0.133.000-11

Título do Projeto de Pesquisa

EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA DE CAMPINA GRANDE.

Situação	Data Inicial no CEP	Data Final no CEP	Data Inicial na CONEP	Data Final na CONEP
Aprovado no CEP	14/02/2011 14:54:12	21/03/2011 11:32:19		

Descrição	Data	Documento	Nº do Doc	Origem
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	03/03/2011 10:51:30	Folha de Rosto	FR - 407298	Pesquisador
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	14/03/2011 14:54:12	Folha de Rosto	0041.0.133.000-11	CEP
3 - Protocolo Aprovado no CEP	21/03/2011 11:32:19	Folha de Rosto	0041.0.133.000-11	CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Profª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa